

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente.*
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIPÇÃO.

N. 2.º

MARÇO E ABRIL.

Reservado da Secção
Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1814.

Com Licença de S. A. R.

*A subscrição se faz na Loja da Gazeta, ou na
de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 60000 reis
pelo seis numeros. Nas mesmas se vendem avulsos
a 12000 reis.*

O PATRIOTTA
JORNAL LITTERARIO
LONTANO MENSUAL

RIO DE JANEIRO

Publicado em 1840
No. 1

REDAÇÃO

MARQUEZ DE SÃO

RIO DE JANEIRO
NA IMPRENSA

Publicado em 1840
No. 1

(3)

TOPOGRAFIA.

Discurso sobre a urgente necessidade de huma Povoação na caçoeira do Salto do Rio Madeira, para facilitar o utilissima e indispensavel commercio, que pela carreira do Parã se deve fomentar para Mato Grosso, de que resulta a prosperidade de ambas as Capitancias. Author Ricardo Franco de Almeida Serra, Sargento-Mór Engenheiro.

A Capitania do Mato Grosso, confrante com os Dominios Hespanhoes do riquissimo, amplo, e populoso Perú, pela longa fronteira de 600 leguas de extenção, que circundão, separão, e formão em profundo fozzo os grandes rios Paraguay, Guaporé, Manoré, e Madeira, sendo a mais remota Colonia do Principado Portuguez do vastissimo Brazil, e a mais distante a respeito dos seus portos maritimos, guardando em si ainda não tocadas e ricas minas, cobrindo as Capitancias interiores deste vasto Continente: semto em fim as minas que nelas se descobriro: o atractivo, que as povouou, e o unico meio para a sua conservação e augmento em novos descobertos nos seus amplos e ainda não trilhados sertoes; parece por tantas razões igualmente certo que os muitos e grossos effeitos indispensaveis para se trabalharem, e fazer prosperar e subsistir estas longiquas minas, devem ter no seu valor huma relativa proporção aos jornacs, que nelas se fazem, para que a igualdade dos interesses equilibre os mineiros e lavradores com a balança do commercio, a qual pendendo só para hum lado conduz o outro da decadencia a huma certa ruina; aniquilando em fim ambos, logo que falta a reci-

a ii

proca consistencia de cada classe, que só se enlaxa e nãbre nos seus proporcionados e mutuos lucros.

O Commercio para Mato Grosso se tem feito por duas diferentes vias: huma que annualmente se frequenta por terra, desde as Cidades do Rio de Janeiro, e da Bahia de todos os Santos, por caminho de 600 leguas de distancia, em que empregão os Commerçiantes 5 mezes de marcha com numerosa tropa de bestas, nas quaes só pôdem conduzir, alem de baetas e pannos de linho, e outras poucas fazendas grossas, e alguns escravos, as que são meramente de luxo, sem que possam conduzir por terra os muitos e grossos generos só necessarios e indispensaveis para a conservação e augmento das minas, porque pela dita estrada de terra, e pela difficuldade de trazer em bestas cargas grossas, de grande peso e volume, a despeza do tão longa viagem as faria subir a tal preço, que em poucos annos causarão a ruina, e abandono total de todas as minas, unico nervo, e objecto que pôde conservar esta concentrada e remota Capitania.

Estes generos, que são ferro, aço, foices, machados, alavancas, almocates, cobre em folha, pregos, ferramentas para os officios mechanicos, ferragens para os edificios, polvora, espingardas, estanho, louça branca, vidros, vinho, vinagre, licoures, tabacos, caldeiras, remédios, facas, e mais quinquilharias, com o importantissimo effeito do sal, só pela carreira e navegação do Pará podem chegar por hum justo preço a Mato Grosso.

Enquanto se frequentou esta carreira, floreceo estas minas; porém enfraquecendo esta importante navegação consideravelmente, ha cousa de dez annos, tem experimentado os seus habitantes hum mortal golpe; a falta destes generos fez subir o valor de alguns, que interpladamente appareção, a hum preço extraordinario em comparação dos antigos preços, com damno ruinoso dos com-

pradores; basta ver a differença de alguns para se calcular o resto. Em quanto se frequentou a carreira do Pará, huma carga de sal custava de 8 até 100 reis, e na sua falta subio a 16, 20, 30 e 400 reis cada huma. A libra de ferro custava 150 reis; subio a 300. A libra de aço custava de 220 a 250 reis, a dita falta a elevou a 600. Hum frasco de vinho, vinagre, ou outro licor, valia de 1500 a 1800 reis; a sua falta dobrou, triplicou, quadruplicou, e ainda levou a maior excesso o seu valor: neste presente anno de 1797 se vendeu cada frasco a 6 e 7200 reis, e ultimamente subio a 7600; esta proporção reterida subio a polvora, o papel, o ferro, aço, alavancas, e mais effeitos grossos, a que os mineiros dão hum grande e indispensavel consumo, e calculando-se esta necessaria despeza com os jornais das minas, já ha muitos annos decadentes da sua primitiva riqueza, vem a ficar estes por metade dos que se fazião ha dez annos; causa manifesta de huma constante decadencia, e de se abandonarem algumas minas, que, ainda que davão modicos jorreaes, podião com a despeza do ferro, aço, alavancas, sal, &c, em quanto se vendião por proporcionado preço; mas dobrando pela ponderada carestia o valor destes effeitos, aquelle jornal modico, e que compensava a despeza, veio a ligar os mineiros a hum dobrado empenho, e a enfraquece-los; e a deixarem as suas antigas tarefas, faltando consequentemente a maior extracção do ouro. A maior Cidade do Universo, que compra os generos da primeira necessidade por preço dobrado, ou ainda a 20 por cento do seu antigo valor, cairá necessariamente na decadencia, quanto mais huma colonia, que ainda se pôde considerar na sua infancia, sonda o ouro, seu unico effeito, vale sempre o seu intrinseco e taxado valor.

A segunda via para importar o Commercio nesta Capitania, e para obstar á expressada carestia,

he a carreira, e navegação do Pará, a qual tem sido hum objecto, que mereceu sempre a cuidadosa attenção dos Excellentissimos Generaes do Mato Grosso, principalmente dos Excellentissimos Conde de Azambuja, e Luiz Pinto de Souza Coutinho, mandando cada hum delles fundar na cachoeira do Salto huma povoação, que servisse de escala a tão interessante Commercio, facilitando, e animando com ella tão importante navegação.

Porém como a Capitania de Mato Grosso naquellas épocas não tinha meios para fundar hum estabelecimento com força e população proporcionada para a sua conservação e augmento, e para se fazer supportar e acariar as numerosas e valentes nações de Indios, que habitão nas immedições daquella cachoeira, nem estes colonos concentrados em tão remoto lugar pelo seu pequeno numero podião colher as riquezas, que offerecem aquelles largos e fertis terrenos, tudo concorreu para que desanimados abandonassem aquelles ricos lugares, não existindo ha muitos annos tão util estabelecimento.

A povoação da Cachoeira do Salto será por todas as diversas faces, com que se pôde olhar hum estabelecimento, vantajoso a si mesmo, util ao Estado, e o unico meio para com hum reciproco e indispensavel commercio se augmentar a força, população, riqueza e effectos das duas importantes Capitánias, do Grão Pará e Mato Grosso, ambas limitrophes com as vastas possessões Hespanholas de toda a America Meridional por huma extrema de 1500 leguas de extensão, que circunda o centro deste vasto e novo continente.

O lugar da cachoeira do salto, onde existe o seu varadouro, situado na latitude de 3° 52', 163 leguas acima da Villa de Borba, e 133 abaixo do Forte do Principe da Beira, he fortissimo por natureza; e como está sobre a extrema das duas

confinantes nações, a privativa posse deste lugar, não só será a chave do Rio da Madeira, e a segurança da sua navegação, e dos terrenos, que limitão por Sul a extrema da Capitania do Pará, e da maior e mais superior parte do Rio das Amazonas, mas servirá de grande estorvo a Nação, que não a possuir, e será hum ponto, pelo meio do qual se pôde penetrar até ás suas possessões. Huma povoação neste importante lugar será em poucos annos hum dos maiores estabelecimentos do centro do Brazil, logo que a sua população possa abrangger os muitos ramos de negocio, que alli lhe offerece a Natureza. Ella fica no centro de hum vasto sertão, abundantissimo em salsa, cacaó, puxiti, e outros effectos; as mantegas das tartarugas, a salga do peixe, as gommás, e muitas bellas e grandes madeiras; tudo he huma riqueza que a circunda.

Alli se podem fazer as maiores canoas de duas e tres mil arrobas de carga, que em 30 dias de navegação podem levar até á Cidade do Pará estes vendiveis effectos, os quaes com maior e mais perigosa navegação vão os sertanistas d'aquella Cidade buscar ao alto Rio Negro e Amazonas, ou Solimões, e aos seus grandes e lateraes braços, muitos delles em extremo doentios, o que não succede no Madeira, onde antigamente se fez grande commercio, mas que a traidora e guerreira nação Mura, já hoje nossa alliada, fez abandonar.

Além de outros effectos naturaes do paiz, são aquelles terrenos formados pelas meliores terras fundaes, e as mais proprias para huma abundante cultura, que igualmente no Pará tem pronta venda, como tabaco, algodão, caffè, arroz, anil, e assucar; e este ultimo effecto faria huma positiva riqueza deste lugar; porque como os moradores do Pará só querem plantar nas margens e lhas do Amazonas visinhas d'aquella Cidade, cujos terrenos não são os mais proprios para a planta da cana,

por serem as terras insufficientes, pois são formadas por successivas camadas de lodo, ou nateiro, que pelo espaço de muitos seculos as agoas e cheias do Amazonas alli forão accumulando, de 8 até 12 palmos de altura, sobre fundo de tabatinga; terras que pela enchente e marés deste maximo rio ficão quasi ao nivel das agoas, que filtrando pelas suas occultas veias, as ensoyão e embellem de succo salino e salobre, de tal fôrma que, cavando-se pozcos palmos, se acha logo abundancia de agoa; não podem nem são nestes sitios as canas mais sucozas, nem doces, e com effeito o assucar chama do branco no Pará, quando se tira das fôrmas he como o mascavado de Mato Grosso, e só depois de clarificado com trabalho e despeza, fica claro e proprio para o decente uso dos ricos particulares, vendendo-se sempre por dobrado preço do que custa na Bahia; nas terras pois das cachoeiras, e das suas immediacoens firmes, solidas, altas e pingues se daria esta planta perfeita, e faria hum solido fundo de commercio áquelles colonos.

Outra vantagem desta povoação seria reduzir as muitas naçoens de Indios, que habitão as margens do Madeira, obra que não tem mais difficuldade do que saber atrahir com soffrimento, agrado, e docilidade estes homens selvagens, desconhados dos Europeos, com a funesta idéa de cativoiro entre elles geralmente derramada, e que vivem em huma perfeita igualdade entre si, tão nus dos vestidos que não necessitão, como das maximas politicas, da propriedade, da jerarquia, das manufacturas, do luxo, e dos preciosos metaes, que desprezão, fundando os seus interesses em huma rede, e no seu arco e flecha, que os defende dos seus inimigos e das feras, e os sustenta, encontrando em qualquer parte do sertão, em que se achão, fructos e raizes, de que se alimentão, e fazem os seus vinhos, limitando a sua lavoura á planta da mandioca.

Bem se vê que para costumar no trabalho hums homens, que sem elle vivem largos annos, fartos e contentes á sombra dos frescos e saudaveis bosques da Zona torrida, he necessario hum methodo mais analogo ás suas idéas, até que costumados gradualmente aos nossos usos, virtudes, e vicios, venhão pela successão dos tempos a fazer huma nova natureza e huma melhor precião de necessidades: a permutação dos effeitos, que elles podem trazer do sertão, por facas, machados, capellos, contas, e outras quinillharias, e a boa fé neste commercio, seria meio suave, para que insensivelmente perdendo a natural desconfiança e ferocidade, se fossem com estes interesses aggreganda a aquella povoação, e fazendo o fundo maior dos seus interesses.

Estes Indios e aquella povoação será hum facil meio para se acharem as tabidas minas do Janyry e do Ribeirão, que pela convexidade, que o Rio Madeira alli faz, não podem distar da Cachoeira do Salto mais de 20 até 30 legoas, e talvez outras mais, que indicio em toda a sua extensão as terras dos Parecis; descoberta, que supmentaria a força e população d'aquella larga fronteira, facilitando pela maior concurrencia do commercio a cultura e exportação dos effeitos daquelles lugares, estabelecendo com elles a reciproca dependencia, que equilibra e negocio com a agricultura.

A povoação do salto he de urgentissima necessidade para a util navegacão e indispensavel commercio, que desde o Pará se faz para Mato Grosso; já ficão ponderados os dinnos, que resultão da sua falta; e para que se não experimentem, só este estabelecimento será hum solido meio.

Os commerciantes, que se destinão a esta carreira, gastão nella regularmente dez mezes de navegacão, dos quaes tres e quatro mezes empregão em passar as cachoeiras, e fazem até Villa Bela

a despeza de 25 por cento: aquelle estabelecimento costará esta despeza pelo meio, e o tempo total não passará de seis mezas.

Cada canoa de negocio se reputa, com os respectivos remeiros, piloto, pescadores, dono e agregados, a 20 pessoas de equipagem; e na Villa da Borba carregão para cada homem, além do peixe seco, 5 alqueires de farinha de mandioca, isto he, cem alqueires para cada canoa. Com a povoação do salto basta conduzirem 20, e os 80, que poupião, são outras tantas cargas de commercio; alli acharão todos os mantimentos, que necessitem, e huma prompta ajuda para passarem, com qualquer pequeno interesse, que fazião aquelles moradores, as cachoeiras em metade do tempo, que nellas gastão; e trocarão alli os Indios docentes por outros de saúde; além de que quando as Canoas desta povoação fossem levar ao Pará os seus effectos, podião trazer a frete grande parte das carregações até aquelle lugar, e d'elle mesmo por hum novo frete até a cachoeira da bananeira, fretes que importação menos do que a despeza total desde o Pará em Canoas, remeiros e mantimento; na mesma bananeira podia a povoação do salto ter feito Canoas proprias, que vendessem aos commerciantes com reciproca utilidade de todos, e desta Capitania; a mesma povoação conduzindo em retorno do Pará, alguns generos proprios para as Minas, as podião vir vender a Mato Grosso, conduzindo-os facilmente, quando as cachoeiras offerrem menos peço e trabalho; esta ligada combinação de interesses, e a menor despeza não só poria as fazendas no seu pé antigo, mas as rebixaria a mais modico preço; e animando assim mais e mais esta tão necessaria navegação, fará afrouxar a de luxo do Rio de Janeiro, que a falta da carreira do Pará levou a maior excessos.

A falta pois do commercio do Pará dobrou o

número dos commerciantes de terra para os portos de mar; muitos homens de pouco, ou quasi de nenhum fundo, se animarão a elle, introduzindo-se em Villa Bella a usura de 10, 15, e 20 por cento, usura que os profundos Ingлезes conheçerão ha hum seculo hia arruinando o seu commercio e povos, limitando-a com graves penas ao interesse de 5 por cento. Estes negociantes de pouco fundo para comprarem nos portos de mar escravatura, só empregão o dinheiro que lhes emprestarão com fiadores na terra, em fazendas de luxo, que com o maior preço das que trazem fiadas, usuras vencidas, e juros correntes, carregão necessariamente estas fazendas a mais 40 e 50 por cento d'aquelle valor, porque se podem vender, quando são compradas e conduzidas por homens, que com os seus proprios cabedres fazem este commercio, verificando-se em Mato Grosso a infallivel maxima de que quando o commercio não dá a mão á agricultura, e á industria (que em Minas consiste só em minerar), em lugar de util he destructivo.

O certo he que estes negociantes, que principião com mais verdade e credito do que fundos, a pesar de pagarem as usuras graciosamente estabelecidas em Villa Bella, e o sobrecarregado das fazendas fiadas nos portos de mar, com os juros da lei em cima, tratando-se com decencia e fausto, todos em poucos annos adquirem grandes fundos á proporção das suas entradas, retirando-se com elles a Portugal, e que as minas, vendo fugir-lhes a sua substancia, não prosperão e se atração.

Sendo o commercio do Rio de Janeiro, ou da Bahia, só util pelo artigo de introduzir escravatura, e com ella os robustos braços, que desentranhem do seio da terra os preciosos metaes que occulta, e que são o attractivo; com que se povoou o centro do vasto Brazil, sem o qual, sim terião augmentado os muitos effectos de agricultura, que

dão e podem produzir em cennupla quantidade as mil e cem leguas, que fórmão a amplissima costa do Brazil com grandes portos, e multiplicados ancoradouros, mas esta abundancia não rebaixaria o seu preço a ponto de arruinar o lavrador? O estrangeiro, que lhe dá hum grande consumo, não coarctaria as suas precisões, os seus almoxos, e a sua meza, abandonando o algodão pelas suas antigas e duraveis lãs, não tendo no multiplicado giro da moeda os dobrados interesses com que os compre? Seria preciso reduzir a Europa ao toco estado, em que se achava antes da descoberta da Asia e da America: a navegação, que pelo meo do seu grande commercio abraça as extremidades da terra, fazendo de todas as nações hum só povo, sem os metaes, o primeiro valor de todas as produções do globo terraqueo, limitar-se-hia ao seu antigo e precario estado, reduzindo-se á simples pesca dos arenques, do atum, das baleias e do bacalhão, e á incerta estabilidade de indigente permutação.

A Europa está tão inveterada, e empedernida neste vagamente chamado commercio, de riqueza apparente e de luxo, que há toda a probabilidade que elle se augmente, e não diminua; e não he huma riqueza dobrada os matts e valiosos effectos da Costa do Brazil, juntamente com as pedras preciosas e o abundante ouro do seu centro?

Além de que, se os Portuguezes não povoassem estas minas, os Hespanhoes ha muitos annos estariam em Mato Grosso, e no alto, rico, e vedado Paraguay; e hirião gradualmente estendendo as suas possessões até Goyaz, e Minas Geraes; se estas Capitãniãs não fóraõ povoadas pelo ouro, que nella se achamos, elles as descobririão: esta nação nossa rival, sobranceira á costa do Brazil, fronteira, e a mais recta via para a Europa, Africa, e Asia, não buscaria nella hum porto, que as indefeizas, e largas veredas do sertão lhe abri-

riso? Por isso mesmo que a sua costa do mar da Sul he na maior parte esteril, e ainda que o não fosse, a longa e perigosa navegação de 8 e 10 mezes para a Europa lhe dificulta a exportação munta da Capital com tão vastas Colonias. Estas reflexões, que tem dado assumpto a diversos discursos de muitos politicos, me animarão a metter a feice em seara alheia.

A ponderada desigualdade da balança do Commercio para Mato Grosso, só a carreira do Pará, e a povoação do Salto pôde equilibrar: hum negociante desta carreira com 3 ou 4^o cruzados carrega huma canoa dos generos que pôde conduzir: esta canoa depois de carregada com sal, ferio, aço, fraqueiras, &c, ainda pôde trazer, e trazer 30 ou 40 fardos de fazenda, que valem até 12^o cruzados, sem augmentar a carga, nem fazer com elles huma particular despeza.

Os escravos, que comprão no Pará, ainda que custem mais caro 30 ou 40^o reis do que no Rio de Janeiro, vem a ficar em Mato Grosso pelo mesmo preço, pois se poupião pelo menos 20^o reis de hum remeiro, e 14 de entradas e direitos.

O Commerciante do Pará não pôde vender os seus generos apressadamente, porque como são da primeira necessidade, só com ella se comprão. 100^o reis de fazenda de luxo não vestem hum homem de huma vez, e sustentão huma fabrica de 40 escravos hum anno, quando os preços são módicos.

He verdade, que os ganhos dos negociantes do Pará não são tão grandes, nem tão repentinos, pela dobrada demora da sua vinda, como os do Rio de Janeiro, e da Bahia.

Este facto constantissimo he a mais forte razão, que evidentemente demostra o quanto a carreira do Pará, que não fornece rapidas fortunas, he a mais propria, e necessaria e equivalente para conservar o necessario equilibrio entre o commercio e as mi-

nas, ficando igualmente evidente quanto a navegação do Pará he propria e de urgente necessidade para prosperar a Capitania de Mato Grosso, merecendo por tantos motivos todo o auxilio e favor.

A mesma urgencia de maior commercio exige a Capitania do Pará; pois a pezar da privativa e abundante produção dos muitos effeitos, que lhe são proprios, derramados por toda a extensa amplitude do vastissimo Paiz das Amazonas, se acha ainda muito longe de encher as possivlas esperanças, que conhedidamente promete, quando por ser huma fronteira a Francezes, Hollandezes, e Espanhoes, e hum porto de mar aberto, e de difficil defensão, e em fim huma chave, que feza pelos rios Tocantins, Xingú, Topajós, e Madeira, a facil communicação, com que por estes grandes confluentes do Amazonas, se pôde, navegando-os, penetrar até o interior da maior parte do Brazil, necessita por tantos motivos, que as suas forças e população se augmentem, o que só pôde conseguir por hum maior fundo de commercio, que chamando áquelle porto marítimo o ouro destas minas, lhe facilite cazas de negocio de maior fundo, que possa importar, além dos generos que lhe são preciosos, e a escravatura para a sua cultura, hum excedente de todo este commercio, com que possa fornecer a Capitania de Matto Grosso.

Comparando a situação geografica da Cidade do Pará com as duas da Bahia de todos os Santos, e do Rio de Janeiro, ambas ellas as mais florecentes, ricas e populosas de toda a costa do Brazil, e reflectindo que estas duas potentes Cidades não devem a sua grandeza e augmento unicamente aos affeitos das Capitánias, de que ellas são capitães, mas tambem ao grande commercio, que fazem para todas as minas; commercio, que lhes facilita pela pronta venda dos muitos effeitos, que recebem da Europa a extracção dos proprios have-

res; de que resulta animar-se a agricultura d'aquellas duas Capitánias, augmentando o negocio activo, que fazem com a costa d'África. E sendo certo, como he, que os muitos effeitos que exportão estas duas Capitánias para a Capital, não só os pôde produzir o estado do Pará na maior abundancia, mas excede-las em outros muitos generos, que lhe são privativos, como são sacoraparilha, cacao, cravo, baunilha, &c., fica, segundo parece, demonstrado que para o Estado do Pará se empateilhar á proporção da sua situação, e do relativo commercio, que pôde pelo seu porto marítimo importar para as minas, só lhe falta o mesmo grande rumo do commercio, que tem levantado aquellas duas Cidades, sobre as outras suas visinhas da larga costa do Brazil; commercio, que á proporção do Estado actual destas minas, e do que ellas promettem, só lhe pôde facilitar a Capitania do Matto Grosso, e ainda o Cuyabá, da qual receberia annualmente em ouro em barras mais de duzentos mil cruzados, que segundo o calculo mercantil he fundo para negocio de hum milhão: e á proporção do giro deste maior fundo, será reciprocamente reciproca a utilidade destas duas Capitánias, que exija cada anno auxilios externos para a sua ordinária despeza.

O commercio, esse vigoroso esteio das Monarquias, que arrostando *mores nautica d'antes navegados*, e ignotos e contrarios climas, liga as extremidades da terra, estabelecendo-se nos mais reconditos portos do vasto Oceano, e no centro das mais afastadas e estranhas nações, com o que supprindo as necessidades de todos os povos, e comprando-lhe o seu superfluo, anima as artes e a agricultura; não virá este commercio do Pará, e de Lisboa; estabelecer-se com maior segurança em 40 dias de tranquilla navegação, no reio de huma só importante colonia, fertil, saudavel e rica nos

effeitos, que a Europa consome, e no meio talvez dos seus patricios e parentes? Logo que o justo interesse, que guia a todos os homens, lhe seguro com a constante certeza cada anno na Cidade do Pará as encantadoras barras de ouro, que Mato Grosso gostosamente lhe irá entregar? Eu não me persuado do contrario: o giro do commercio he hum canal que, superando huma vez as difficuldades que encontra, adquire nova força, e cada dia se amplia mais e mais.

Com elle podia Villa Bella vir a ser huma escala, por onde se podia levar o commercio até o Culibá, este maior consumo augmentará o seu giro e fundos, diminuindo pela mais pronta e maior venda os preços das importantes fazendas, logo que a povoação do salto aplane as difficuldades, que até hoje tem obstado a esta necessaria navegação.

GEOGRAFIA.

Para a pag. 16.

70

Distancias dos lugares até		do Pará
LUGARES		Total das leguas de navegação.
Amazonas.	Da Cidade do Pará	
	De Porto de Moz na boca do	100
	boca dos Tapaies	160
	De Santarem a Paugis á foz	185
Madeira.	A primeira	270
	Da foz do Madeira até á boca do A	186
	Do Abuná até á moré com o Ma	156
Mamara.	Da dita junção até do Guaporé com	245
		44
Guaporé.	Da foz do Guaporé do Principe.	
	Do dito forte á G	
	De Guarajús ás Il	
	Das Torres ás Pit	
	Do Rio Verde a	205
Somma total		764

Distancias dos lugares mais notaveis da Navegação da Cidade do Pará até Villa Bella, Capital de Mato Grosso.					
	LUGARES.	Rumos.	Dist. em linha recta.	Dist. seg. a navegação.	Total das leguas de navegação.
Amazonas.	Da Cidade do Pará até Porto de Moz na boca do Xingu.	O	69	100	100
	De Porto de Moz a Santarem na boca dos Tapajos.	O	49	60	160
	De Santarem a Pauxis.	ONO	20	23	185
	De Pauxis á foz do Madeira.	O	74	85	270
Madeira.	A primeira Caxoeira.		186		186
	Da foz do Madeira no Amazonas até á boca do Abuná.	SO	179	229	456
	Do Abuná até á junção do Mamoré com o Madeira.	S	14	16	245
Mamoré.	Da dita junção até á confluencia do Guaporé com o Mamoré.	SSE	31	44	44
Guaporé.	Da foz do Guaporé até o forte do Principe.	SE	14	21	
	Do dito forte á Guarajús.	ESE	60	89	
	De Guarajús ás Torres.	E	20	33	
	Das Torres ás Pitas.	ESE	7	17	
	Das Pitas á boca do Rio Verde.	SE	4	8	
	Do Rio Verde a Villa Bella.	SSE	22	37	205
Somma total da navegação de Villa Bella até o Pará.					764

effeitos, que a Europa conserva



GEOGRAFIA.

Continuação da Memoria sobre a Capitania do Ceará, continuada do N.º 1.º pag. 46.

ARTIGO III.

Do Politico do Ceará.

§ 43. Conclusão

A Vista do que se ha expellido até aqui, he para admirar o atrozamento, em que tem estado esta Capitania, apezar de ser povoada a mais de duzentos annos; com tudo, como se vê, ha grandes recursos, e meios infinitos de se prosperar, e fazer rapidos progressos; as causas disto forão já conhecidas pelo Sabio Ministerio, a onze annos, sobre que se derão providencias as mais activas, e circunspectas, particularmente para remediar o desarranjo, em que se achavão as finanças Reaes, cujos resultados são os que se vão notando no progressivo interesse, que ella vai dando ao Estado. Vejamos agora entre tantos recursos Fizicos quaes serão os mais interessantes a promoverem-se em utilidade particular do mesmo Paiz, e augmento geral das rendas do Estado; e he sobre que passo a discurrer o mais succinto que me for possivel depois de dar huma idéa da sua População, sem porém entremeter-me em dizer cousa alguma sobre o aproveitamento em geral de suas ponderadas Minas, e Vegetaes.

§ 44. Sua População.

Sendo porém esta Capitania tão vasta, he de admirar a sua bem diminuta e desfalecida população, que apenas montará a cento e cincoenta mil habitantes de todas as classes, e estes pela maior

parte de pessima qualidade ; porque huns são Indios originarios do Paiz , Entes de si mesmos ineptos para se felicitem , ou para fazerem a felicidade dos outros , ou seja por natureza e sua constituição fizica , ou por falta de educação , ou por algum capricho particular &c. , outros são provenientes destes com os negros , cuja raça indigna constitue o maior numero della , conhecido com a vil denominação de *Cabras* , outros são nascidos dos mesmos Indios com os Brancos , que faz huma diminuta parte da população , verdadeiros Mamalucos , porque ha outra raça imprópriamente assim chamada , proveniente da mistura de todas as outras classes entre si ; a outra classe em fim a mais distinta he a dos Brancos , oriundos de Portugal ; huns , e outros , porque o Paiz lhes he favoravelissimo , por lhes subministrar com liberalidade multiplicados meios de facil subsistencia , na abundancia de raizes ou batatas , e de infinitos frutos silvestres , e de immensa Caça , e Pesca , por isso mesmo de ordinario muito preguiçosos , e indolentes , com particularidade os Indios , Cabras , e Mamalucos , que são em extremo vadios , disolutos nos costumes , e cheios dos vicios , que pôde produzir no coração humano huma vida livre e licenciosa no centro da mais crassa ignorancia , donde provém nelles a falta de sentimentos , e de virtudes moraes , e outros vicios já pouco estranhados contra todos os ditos da natureza e da Sociedade.

§ 45. *Distribuição da população.*

He comprehendida esta população em dezoito Villas , cinco de Indios , e treze de não Indios , alem de algumas Povoações ; cada huma he governada por seus respectivos Capitães Mores , e Juizes Ordinarios , e todos Subordinados ao Governo Geral da Capitania , Residente na Villa da Fortaleza , que he a Capital , e de hum Ouvidor e Corregedor &c.

§ 46. *Costumes em geral dos habitantes.*

Vivem estes habitantes pelo commum da caça , da pesca , e da pequena cultura da sua mandiocca , de algum milho , e feijões , juntamente com o que plantão tambem algodão para se vestirem ; e para isto buscão as serras e os lugares alagadicos da beiramar : com tudo a demanda efectiva do Algodão os tem animado a esta plantação , sendo por isso hoje o unico genero de sua commutação : o maior cuidado porém nelles he a criação do gado vacum , objecto , que tem sido em outro tempo mui consideravel , e lucrativo naquella Capitania , pela grande extracção das carnes secas , hoje porém he muito diminuto , porque ha conduzido todo o seu gado vivo para Pernambuco , onde a necessidade , e circumstancias fazem reputar humas vezes bem , outras muito mal.

§ 47. *Seus trabalhos.*

Com esta mania da criação exclusiva do gado vacum , desprezão aquelles habitantes muitos outros meios de se prosperarem , como seja a criação das ovelhas pelo importante objecto das lãs (que aliás não he ali das mais inferiores) , visto que se cria , e se multiplica esta sorte de gado sem custo algum , e de que jámais elles aproveitão hum só vello.

§ 48. *Deve-se proteger a arte pastoral.*

A grande extenção de terreno inculto do sertão , e de que tarde ou nunca se poderá tirar partido pela Agricultura , e no qual pela abundancia de seus excellentes pastos se cria , e prospera facilmente immenso gado , e outros animaes domesticos , parece persuadir o particular cuidado da criação de duas sortes de gados vacum , e lanar , assim

como do cavallar, cuja raça pela robustez e valentia, com que são alli dotados, se faz recommendavel: o cuidado deste artigo he tanto mais serio, quanto he nelle que está o maior interesse actual das Rendas Reaes pelo annual embolço do producto dos Dízimos &c.

§ 49. *O mesmo da arte piscatoria.*

O mesmo que digo da arte pastoril penso da piscatoria: por quanto comprehendendo, como comprehende, aquella Capitania huma tão dilatada Costa de mar em muitas lagoas povoadas, como disse, de immensa quantidade, e de raridade de peixes, e tartarugas, parece incontestavel que este artigo não deve menos occupar o segundo lugar dos trabalhos publicos do Paiz, visto que seus habitantes, com especialidade os de beira mar, assás bem inclinados a este exercicio, (particularmente quando as secas, e a necessidade os obriga), acharião nelle relevantes recursos, e o Publico hum meio de os ter sempre occupados; pois que não sendo, para elles todo o tempo apto e conveniente para o cultivo das terras, nem necessario para huma effectiva vigia, e guarda dos seus gados, que felizmente vivem dispersos por toda a parte, no tempo da seca ou verão; suffocando-se pelo exercicio da pescaria a sua ordinaria e quasi innata propensão para a ociosidade; por huma parte augmentar-se-hia a massa geral dos livres, e com ella a população, visto que esta sempre está na razão directa da facil subsistencia, e de outra parte pondo-se em movimento outros muitos trabalhos publicos, e facilitando-se o cónsumo das suas produções, serviria isto não menos de escola e Seminario para a Marinha Nacional; razoes estas igualmente attendiveis até mesmo em contemplação da grande extensão, e situação local do Paiz, para se

prevenir, e remediar talvez as esterilidades, que muitas vezes sobrevem, não tanto pela falta das chuvas, como por huma mal regulada conducta de economia publica, e privada, faltando ordinariamente por negligencia; e perguisa o peixe quasi sempre nos povoados mais notaveis.

§ 50. *Aproveitamento das Salinas.*

Com este exercicio da pescaria de certo não se deixaria de sustentar o aproveitamento das multiplicadas, e ricas Salinas, que, como disse, ha por toda aquella Costa do Mar, e com ella augmentar-se-hia tambem o seu Commercio, e os interesses da Coroa.

§ 51. *Protecção da Agricultura em geral.*

Não deve ser menos attendido o que diz respeito a Agricultura do Paiz, pois que sem hesitação deve alli merecer o primeiro dos cuidados politicos, huma vez que he constantemente sabido ser a Mãe do Genero Humano, e a origem primaria, e inesgotavel de toda a prosperidade publica, pela dupla vantagem de contribuir mais do que nenhuma outra, tanto ao augmento da população, como a hum vantajoço, e activo Commercio.

§ 52.

A fecundidade das terras elevadas e montanhosas da Capitania, proveniente da natureza do seu torção, de hum continuado orvalho matutino com que se cobrem, do estado de huma atmosfera constantemente humida, e carregada de gazes, e da maior abundancia de aguas, e vertentes; e não menos a dos terrenos de beira mar atagados e apaulados, e cheios de vertentes, e lagoas quasi peren-

nes, e profundas, como tenho mencionado; e onde de por isso mesmo huma vegetação prompta e activa trabalha com facilidade em quasi todos os entes do Reino Vegetal, effizantemente persuado no seu trabalho; promettendo os seus habitantes comtantes, e fecundissimos recursos á publica felicidade; de: na abundancia de todos os generos necessarios, e importantes: donde parece que tó este artigo será capaz de conduzir, e de elevar aquella Capitania ao maior auge de huma grandeza real, fazendo até escurocer as vantagens, que lhe podem produzir os outros dois ponderados Artigos.

§ 53. *Introdução da cultura de muitos vegetaes exóticos.*

Quem duvidará pois de quanto pôde ser-lhea interessante, além da plantação do seu algodão, a introdução da cultura de muitos artigos de vegetaes exóticos, como o anil, o caffè, o cacao, o urucú, assim como o da cana de assucar, e do arroz, trabalhos estes ainda muito diminutos allia, porque todos estes generos vegetão felizmente nesta Capitania como se fossem indigenos? O mesmo que digo destes, digo de muitos da India como a canela, o cravo, a nozmoscada, a pimenta &c., visto que algumas destas plantas, que já allia ha, prosperão muito bem, taes são a canelleira, e o gengibre: estes habitantes porém, além do mau cultivo das suas mandiocas, e de alguns legumes, pouquissimas canas, algodão, e arroz, cuja colheita sem duvida já he consideravel, de nada mais fazem conta, na intelligencia de que fóra disto nada he interessante, destruindo e consummindo com os seus mal entendidos roçados annuaes para isso excellentes matas virgens, no que o estado por força ha de vir a ser incalculaveis perjuizos.

A' vista do que, persuado-me não seria desas certo se o Governo tivesse sobre tão importante objecto vistas mais circumpectas, impedindo-se de alguma sorte este pernicioso abozo na destruição continuada das matas virgens, como para que se cuide em conservar e melhorar as poucas, que ainda ha perto do mar, e se promovão como he facil novas plantaçoens das mais preciosas arvores perto do mar; o que de certo para o diante daria immenso interesse á Real Fazenda.

§ 55. *Proteção ao commercio.*

Finalmente esta bem sabida maxima — *Non omnis fert omnia tellus* — mostra que jámais paiz algum culto pôde deixar de ter multiplicadas necessidades á proporção do seu augmento, e civilização, ainda que elle possua em si superabundancias de generos da primeira e segunda necessidade, e de avultados productos de seus trabalhos civis; porque então suas precisioens se estendem, e se multiplicão á proporção do seu crescimento.

§ 56.

Para satisfazer-se a estas precisioens nascidas humas vezes da mesma natureza do homem, outras de seus dezejos e appetes, outras em fim de certos estímulos, ou necessários ou superfluos, que o obrigão com tanta força como as necessidades da primeira ordem, então he necessario valer-se dos sobrantes das produçoens dos trabalhos, se os tiver, para trocállos pelo que he falta: eis-aqui pois a necessidade do commercio, que terá tanto maior, quanto mais for multiplicado o numero das precisioens; sendo com tudo certo que muitas vezes se

troca o mais necessario, pelo que he menos, ou se he util, e este pelo que he agradável; mas isto mesmo he commutação, visto que desta sorte se obtem o que mais se precisa.

§ 57.

E de que servirá a aquelles habitantes o sobranço dos coiros dos seus gados, as lãs das suas ovelhas, e as demais sobras do producto da sua cultura, que tiverem, senão buscarem facilitar pelo commercio o seu consumo, na sua prompta troca, a fim de promover o augmento progressivo da sua prosperidade? Todos sabem pois que o commercio he o unico canal, por onde se derrama em hum paiz a abundancia, as riquezas publicas e particulares, as luzes e os mais importantes conhecimentos, e em fim a geral satisfação dos povos, atraindo a si; pela necessaria concurrencia de diversos individuos, tudo quanto he util, e de proveito, para fazer o homem mais civil, polido, docil, pacifico, tractavel, e emprehendedor de grandes cousas, no que consistem as delicias das sociedades.

§ 58.

A' vista do que, quem não tem que trocar pelo que lhe falta, não pôde certamente ter commercio algum, e por consequencia jámais será feliz, consumindo a sua existencia como selvagens no centro da miseria e da ignorancia: donde parece que a nossa Capitania do Seará para crescer em população e prosperar-se deve ter em vista augmentar os trabalhos ponderados a fim de que possa ter sobranças de tudo, e delles fazer a sua commutação, por meio ou de hum commercio interior, ou fazendo-os exportar para a Europa; no que não me canço mais em persuadir huma verdade

assã conhecida. Com tudo he necessario que nisto se interesse o Governo daquella Capitania fazendo introduzir, animar, e promover tão importante negocio, ainda mesmo repellindo todos quaesquer obstáculos que encontre; de outra sorte jámais ella será interessante, como pôde ser ao Estado, nem seus habitantes melhores, nem mais felizes.

HISTORIA.

*Extracto da Historia da Capitania de Goyaz,
ordenada pelo Cirurgião Mór João Manuel
Antunes da Fria.*

NÃO querendo perder noticia alguma deste vastissimo Continente, aproveitamos de qualquer obra, que chega á nossa mão, qualquer conhecimento, que possa hum dia servir á Historia interessantissima deste novo mundo. Evitando porém aquellas diffusões, em que se espraião escritores mediocres, as apresentamos despidas de vãos ornatos e de superfluas reflexões. Desta maneira conciliamos a utilidade com a brevidade.

Segundo o Author, a Cidade de S. Paulo he situada na latitude de 23° 5', e na longitude de 33° 50', e sendo pouco consideravel nos seus principios, os seus moradores foram descritos pelos escritores estrangeiros com infames caracteres. A verdade, com que foram tratados os Indios por estes primeiros habitantes os fez tão bravios e cafares, que dahi proveto a difficuldade, com que tem sido reduzidos alguns poucos, e outros se tentam absolutamente esquivado a todo o commercio e civilização. A prudencia de alguns Generaes tem todavia dissipado este embaraço. O Excellentissimo D.

Francisco de Souza Coutinho, governando o Gêzo Pará, conciliou no rio Aragaya o gentio Carajá, que costumava infestar aquelle rio, e acometer aos viandantes, que subião para Minas, ou desciaõ para o Pará.

Este sábio General havia então principiado a navegação do Rio Aragaya para as minas de Goiás; e vendo que no rio dos Tocantins residia o feroz gentio Apinagé, o qual andava sempre de corso atravessando a parte do Norte para o Sul do rio Aragaya, insultando os que subião pelo rio Tocantins para o pontal do Norte, como os que navegão pelo Aragaya para a capital de Goiás; e que chegarão ao arrojo de accommetter a Villa de Cameté, meia legoa em distancia d'aquella, e huma das villas mais notaveis em exportação e população, que tem a Capitania do Pará, se applicou seriamente a domestica-los.

Para este fim mandou collocar na barra do rio Tocantins hum grande registro com perto de 300 homens, com primeiro e segundo Commandante, Cirurgião, Botica, e Capellão; e ordenou que se tratasse muito bem aquelle gentio Apinagé, acurando-os por todos os modos possíveis; roçando e plantando, não só para proverem à sua subsistencia, mas tambem para desafiarem os animos daquelles barbaros, mostrando-lhes a necessidade do trabalho para ser util a si e ao Estado.

Vio o Gentio com puzo dentro das suas mesmas terras aquelle numero de homens, que lhe não empecião, antes abundavão de mandiocas, algodão, arroz, e fructos, como bananas, ananazes, &c.; e admirou a superioridade da cultura e dos instrumentos, que a facilitavão. Porque aquelles, de que usava aquelle gentio, em falta de ferro, se reduzem a huma especie de machado ou maço feito de pedra rija, com que vão amassando o pão até que de todo se contunde, e cabe. Feita assim

a roça, queimão só as folhas das arvores, deixando os ramos por queimar. Estas importantes licoens, e o bom tratamento que receberam os Apinagés, os induzião a descerem pelo rio Tocantins, e chegando á Capital do Pará pedirão a aquelle prudente General paz e protecção; e receberam as mais vivas demonstraçoens de ternura e gazalhão, segundo as tenues forças daquella Capitania.

O gentio Murá, que infestava todo o rio das Amazonas, tambem se pacificou durante aquelle mesmo governo; passando de atacarem os que navegavão o rio Solimões a recebe-los risinhos e alegres; e situando suas malocas e choupanas nas margens daquelle rio.

A grande Villa de Santarem, huma das mais populadas do rio Amazonas, abundante em cacão, cravo e sarsaparrilha; e a de Villa franca, que lhe fica immediata; erão accommettidas pelo gentio Monduruci, que nelles fazia grandes estragos. A ferocidade daquelles barbaros, que ouvirão impavidos o estrondo dos tiros sem arredar pé, tinha embaraçado as lavouras daquellas duas Villas; e o mencionado General não podendo pela qualidade do local estabelecer alli hum registro, mandou ao Commandante daquella Villa, que então era o Tenente Coronel Salgado do Registro de Macapá, que juntasse huma grande tropa, e os perseguisse até os seus domicilios, sem que empregasse hum só tiro a mata-los, mas sim lhes fizesse ver a força e o poder que tinha. Bastou o terror, que infundiu hum semelhante armamento, para pedrem paz.

Manoel Correia, homem da plebe, foi o primeiro que no anno de 1719, vendo-se em S. Paulo, sua Patria, opprimido da indigencia, penetrou o sentido em demanda de gentios, que aterrados com o estrondo das armas compravão a vida a preço da liberdade. A ignorancia de Correia não nos deixou huma idéa perfeita da sua jornada; porque

sem embargo de que apparecerão alguns papéis escritos da sua mão, que são como o seu roteiro, e estes estão tão desarranjados e confusos, que nada se pôde bem conhecer delles.

Sabe-se porém que foi grande a preza que fez daquelles gentios, que vendeu na Cidade de S. Paulo e suas vizinhanças, com lucro não pequeno. Quando porém todos esperavão que trouxesse huma grande porção de ouro, appareceu com dez oitavas, que naquelle tempo valia a 1500 reis. Esta pequena porção foi consagrada a N. S. do Pilar da Villa de Sorocaba, na comarca de S. Paulo, do qual ouro unido a maior quantidade se fez huma coroa para a mesma Senhora, a quem com razão se devião offerecer as primeiras descobertas de tão precioso metal. Esta noticia inflammou o animo daquelles habitantes, e indagando de que lugar o havia extrahido, para terem igualmente parte nos lucros, e nos trabalhos, affirmou que o extrahio do Rio dos Araes com hum prato de estanho, e que para hir a este rio, passara outro muito grande. Estas palavras, que são as formozas de Correia, mostram bem o seu talento, pois sem marcar o rio e altura, em que o tirara, se recolhe tão ignorante, como sahio da sua Patria.

Esta foi a primeira noticia que vagou de haver ouro no sertão de Goyaz. Mas antes de passar adiante notarei a credulidade, com que se recebem hum facto contrariado pela experiencia dos mineiros. Que Manoel Correia tirasse ouro, eu não duvido, pois he facta delle aquella Capitania, mas que mettendo hum prato achasse a quantidade que disse, he mais exaggeração que realidade, pois vemos todos os dias que este metal se entranha em vectos pela terra, e por pedreiras, de sorte que he custa de duros trabalhos e consumição de muito ferro e aço, he feliz o mineiro que no fim da Semana recolhe huma oitava pelo jornal de cada estavo.

Nas memorias deste homem se encontrão incoherencias, que devo declarar para desabuso de muitos, que julgão as minas melhores do que são, cuja fama de riqueza he exagerada nos paizes remotos, como a Ophir de Salomão, sendo aliás tanta pelo contrario, que os agricultores das abas do Gerez e da Serra de Marão não vivem opprimidos de tantas miserias, como muitos naquelle Continente das minas.

Quem se capacitará que os Indios lhe mostrão e derão folhetas de ouro, se elles ignorão o seu uso, o seu prestimo, a sua utilidade? A perguiza nelles he habitual, e para a extracção deste metal não só se necessita de trabalho, industria e arte, mas ainda de instrumentos, de que nunca tiveram o menor conhecimento.

Governava neste tempo a Cidade de S. Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes, da Casa de Sabagoza; e como no animo deste fidalgo havia aquella nobreza, que lhe havião dado o berço e a educação, pôz todo o cuidado em augmentar os domínios da Coroa Portugueza, debilitada pelo jugo de 60 annos, e dilatando a vista por todos os que se rizião capazes de tentar as novas descobertas por impenetraveis sertões, convocou á sua presença os moradores mais dignos, e que estavam em melhor estado de tentar huma jornada, que sem dispendio da Real Fazenda fosse proveitosa á nossa coroa, e fallando nesta materia lhes disse assim:

Senhores. — Vós sois Portuguezes, em quem não está manchada a pureza daquelle generoso sangue, que corre pelas nossas veias; não tendes o animo abatido de algumas guerras, em que não ficasseis vencedores; a que tendes de fazer he com gentios barbaros e sem disciplina militar, que facilmente vos cederão o campo de batalha ao primeiro estrondo das vossas armas, que disparadas sem ballas assustem mais que

27 damnifiquem. A caridade deve ser toda a vossa
 28 lei na conquista destes homens, e supposto sejão
 29 vastos os Sertões, que tendes de penetrar, como
 30 tudo a fama não se adquire sem grande traba-
 31 lho; o serviço que fazeis he duas vezes recom-
 32 mendavel, huma porque reduzireis ao rebanho
 33 do Senhor tantas almas desviadas do caminho de
 34 Jesu Christo; outra porque fareis ao nosso Sa-
 35 berano hum serviço, que será todo do seu agrado;
 36 e que eu da sua parte vos prometto a recomen-
 37 dação do mesmo Senhor; e os agradecimentos
 38 do mesmo Senhor; augmentareis a vossa gloria,
 39 augmentando o numero de vassallos á Coroa de
 40 Portugal, e os seus futuros netos serão outros
 41 tantos padroens, que perpetuem de geração em
 42 geração a fama dos vossos nomes, que serão res-
 43 peitados dos nossos com pasmo e dos estranhos
 44 com inveja.

Dito isto, Bartholomeu Bueno, ou por mais
 intrepido, ou por menos experto nas difficuldades
 da jornada, se offerceu a si, e ao seu cabedal
 para a nova descoberta, que era tanto mais diffi-
 cil, quanto menos entenia de Geographia para de-
 marcação de tão dilatadas terras. Chegado o dia da
 sua partida, e feitos os obsequios, que a urbanida-
 de inventou, despedio-se do Governador em 1721,
 e dos mais amigos, que sobre a sua ida fizeram di-
 versos juizos; huns accusando a sua temeridade,
 por se expor a huns barbaros, que ignoravão os
 minimos estímulos da piedade; outros invejando as
 futuras felicidades, que a esperança prometia, e
 universalmente se discursava, segundo a opinião de
 cada hum.

Como as descobertas já passavão por moda,
 levou Bartholomeu Bueno na sua companhia hum
 seu filho do mesmo nome, de 12 annos de idade,
 como se este fosse o patrimonio, que lhe deixava;
 e caminhando sem rumo por descarnados sertões;

chegarão depois de longas e perigosas marchas ao
 lugar hoje denominado o arraial do Fierreiro, onde
 se demorarão, ou fatigados de tão prolixa jornada,
 ou desmaiados da empresa, em que se metterão.

Trazia Bartholomeu Bueno mais de seis me-
 zes de viagem, perigora na realidade pelo temor
 do gentio Caiapó, e temivel pelas feras, de que
 ainda hoje abunda este caminho de S. Paulo, ap-
 prezar da frequencia dos viajeiros; e como já pela es-
 trada de Minas Geraes, e pelos rios caudalozos,
 donde se fazia a navegação para as minas de Guia-
 bá, intendeu Bartholomeu Bueno descolir por Goyaz
 huma nova estrada mais facil e direita, que em
 tseos tempo se transitasse para este novo Conti-
 nente, de que não fallamos por ser nosso intento
 descrever sómente o de Goyaz.

Faltava-lhe porém mantimento e dinheiro para
 poder progredir. A esperança era nenhuma, pois os
 sertões impossibilitavão as conduções, que se po-
 derião enviar de S. Paulo, e ainda quando se po-
 dessem fazer, ignorava-se o rumo, porque via-
 javão, e o sitio em que se tinham estabelecido; e
 que tudo fez desmaiar a Bartholomeu Bueno con-
 tentando-se com a descoberta de Goiás, e não
 passando do lugar, de que acima fallámos, que
 denominarão o Fierreiro, por hum escravo, que
 Bueno trouxe deste officio, que por ordem delle
 armou alli a sua tenda para fabricar entradas e
 outros utensis, de que havia não pequena necessidade.

Erão todas estas brenhas habitadas de gentios
 chamados Goyaz, donde tomou esta Capitania o
 nome: com elles tratou Bueno, fulto de boa fé.
 Com captiosas apparencias alliciou os primeiros para
 melhor captivar os outros, e com fé Carthaginezia
 se aprouso do que pode, e conduziu encorrentados
 para S. Paulo a estes miseraveis, que não tinham
 outro delicto mais que nascerem nestes climas.
 Muitos forão vendidos como escravos, outros ficaram

no seu serviço, experimentando as durezas do seu cativeiro.

Entrou Bueno por sua patria, levando apoz si tantos Indios, quantos serião bastantes para a povoação de huma villa mediana: os clamores dos vivas soavão pelas casas e pelas ruas, huns por paixão, outros por interesse, e como se estes ecos não coubersem nos recintos da Cidade, forão-se dilatando pelos campos, donde concotrerão os lavradores, que a troço de mantimentos achavão escravos para o seu serviço, á proporção das lisonjas que espalhavão.

Bem observava o Governador, como bom politico, a injustiça de taes procedimentos: mas conhecendo o animo dos povos que governava, e attenta a severidade, com que justamente devia suffocar estas acções, ou tolerou, ou affectou de não conhece-los reservando a seus successores cohibir aquelles excessos iníquos.

O Excellentissimo José de Almeida, Barão de Mossamedes, e depois Visconde da Lapa, que governou a Capitania de Goyaz, foi o primeiro que deu acertadas providencias para cathequizar n'aquella Capitania o Gentio Caiapó, de que abunda o seu Continente do Sul. Este gentio não he do mais feroz, mas he de muito corso, mais perguicoso que os outros; não fazem roças, antes vagando aqui e alli roubão aos moradores as suas, e matão-lhes os gados. Este prudente General formou huma aldeia delles, a que deu o nome de S. José de Mossamedes, distante da Capital quatro leguas, parte detraz de huma serra dourada; esta he abundante de ouro em pedra e em pó, e de muito boa agua, porém como he muito eminente, não tem agua em cima para lavar o ouro, e fazer os seus desmontes; tem pedra jaspe, e abunda de arvores de papel verdadeiro. Nesta aldeia conseguiu este General ter o numero de 800 a 900 arcos;

entendo-se por cada arco hum gentio, além de muitas mulheres e crianças.

O Visconde da Lapa sujeitou o gentio Caiapó com toda a docilidade, não praticando força alguma de coacção, mas brincando-os, e agradando-os muito com diferentes dadas, já de machados, foices, facas, e outros utensis, já cobrindo a sua nudez e a suas mulheres e filhos, e os foi pondo nesta aldeia, ensinando-os a roçar e plantar, e ainda que este gentio, como já disse, he o mais perguicoso, com tudo não consentia o General que fossem violentados, até que se forão domesticando e gostando do mesmo a que a sua inacção os tornava repugantes.

Foi rendo-lo o Excellentissimo Luiz da Cunha e Menezes; ao qual succedeu seu irmão Tristão da Cunha e Menezes. Este General olhou para esta qualidade de gente com commiseracção, e procurou ser os povos em quietação, formando huma nova aldeia delles, no lugar chamado o Carretão; e a tempo que naquella Capitania já então se hia sentindo grande decadencia nas fabricas, tanto de ouro, como de engenhos. Este foi rendido pelo Excellentissimo D. João Manoel de Menezes. Este General tinha boas intenções e dezejava acertar, porém infelizmente não sabia fazer escolha dos homens, e dava ouvidos a muitos que o illudião; e como neste tempo existia nesta Capitania seu antecessor, a intriga se dividiu em dois partidos, hum por parte do General existente, outro do precedente.

Os resultados desta perniciosa intriga forão mandar o Governador a Camara para fazer sahir d'aquella Capital o seu antecessor; e depois de algum tempo ser pela mesma Camara prezo o mesmo General, sem para isto proceder ordem positiva de S. A. R.

Este General quiz dar algumas providencias aos

insultos, que fazia o Gentio Caiapó no Continente do Sul, porém foi illudido pelo Major.

Este Major foi authorisado por huma Portaria do Excellentissimo D. João como Inspector Geral e Reformador das Aldeias dos Indios e Conquistador do Gentio Caiapó. Este fulto de luzes e de pratica, enthusiasmado de hum poder absoluto, entrou a fazer a guerra ao gentio Caiapó, e a maltrata-lo de tal sorte que entrava pela Cidade cheio de ufania, trazendo os desgraçados gentios, hums prezos com grossas cadeias, outros ligados com as mãos para traz: alguns ainda feridos de tiros. Erão mandados estes infelizes hums para a Aldeia do Carreirão, outros para a de S. José de Mossamedes, e em menos de dois mezes tudo desaparecia, e sentião os habitantes d'aquelle Continente tanto ou maiores roubos e vexames do Gentio, do que sofrião antes d'aquelle procedimento.

Parece-me não ter faltado á verdade, nesta minha narração sincera e desalenhada, como promette a minha ignorancia. &c.

POLITICA.

Papel que se offerceo ao Serenissimo Rey e Senhor D. João IV, em que se mostra ser conveniente para os augmentos do Reino conservar-se nelle a Gente da Nação. Pelo Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus.

SENHOR.

Ainda que a particular Providencia, com que Deos tem assistido á restauração, e conservação, de Portugal, e a boa fortuna de V. M., verdadeiramente grande, como em tão diversos casos se tem experimentado, nos estão prometendo a continuação de felicissimos successos, e parece, que estão segurando-nos a perpetuação do Reino; com tudo, como todas as coizas humanas estão sujeitas á inconstancia dos tempos, e nenhuma mais que as Monarchias, aquellas principalmente, que tendo inimigos visinhos, e poderosos, por estarem em seus principios, não tem ainda lançado firmes raizes; o amor da Patria, o zelo do Reino, o desejo de que a Coroa de Portugal se perpetue sem fim na gloriosa Descendencia de V. M., e a mesma Providencia Divina, que sempre quer ser ajudada da diligencia, e industria humana, obrigão a hum muito leal, e muito obrigado Vassallo de V. M. a que, prostrado aos seus Reaes pés, represente a V. M. neste papel os perigos, que se podem temer neste Reino, e os meios chcazes, com que se lhe deve acudir, e procurar os seguros da sua Conservação.

O Reino de Portugal, Senhor, não melhorando do estado em que presentemente o vemos, pôde-se duvidar da sua Conservação; porque, ou a consideremos fundada no poder proprio, ou no alheio, hum, e outro estão não prometendo aquella

firmeza, que he necessaria. O poder alheio, em que se funda a conservação de Portugal, he a diversão, que fazem a Castella as armas de França, e ainda que emquanto esta durar, parece, que estamos seguros, como até agora, por muitos, e mais eficazes razões se deve considerar pouco duravel. Os successos da guerra são muito varios; e como as armas da França estão hoje victoriosas, e podem estar á manhã as de Castella, principalmente quando os danos da guerra, e a experiencia do Imperio Francez (nunca bem soffrido de nenhuma Nação) vão já desafieçoando os animos dos Castelhanos, e em muitos se conhece arrependimento.

A Nação Franceza naturalmente he inconstante, inquieta, amiga de novidades, facil de corromper com dinheiro, e se tantas vezes em nossos dias vimos rebelado o Duque de Orleans contra seu Irmao, hum Rey tão bellicoso, como se não recerá que o mesmo Duque, ou outro Conde de Soissons, se atrevia contra hum Rey menino de seis annos, e que aspirem quando menos a perturbar a paz, que já não defende o respeito de hum tão grande Rey, nem a assistencia de hum tão prudente Privado, principalmente, que não se descuidarão as intelligencias de Castella de solicitar, e comprar estas inquietações de França, quando dellas depende o seu remedio, nem os Hereses Francezes duvidarão de as aceitar para melhorarem o seu partido.

Tambem não pôde durar muito esta guerra, porque as rendas reais da França, não são bastantes a sustentar tamanho numero de Exercitos, e Armadas: todos estes gastos carregão sobre os povos, que se vem molestados de gravissimos tributos, e os clamores de toda a França estão pedindo pazes; não se remediando esta impossibilidade com as victorias, que suas armas alcançãõ; por-

que estas não lhe acrescentão riquezas, antes as diminuem, multiplicando novos empenhos, como se vê na assistencia de Catalunha, e nas outras Praças, que este anno tem occupado em Italia, e Allemannha; pelo que nunca França esteve mais perto que hoje de fazer pazes com Castella, e com outros Principes de Europa, e a este fim se encaminhão tantos exercitos levantados este anno, e tanto numero de navios nos portos do Oceano, e Mediterraneo, pertendendo com esta superioridade serem os arbitros da Dieta, e ficarem nos concertos com vantajados partidos, sendo sem duvida que Castella aceitará todos os que lhe fizerem, pois dellas depende sua quietação, como bem o mostrão as diligencias publicas, e secretas, com que sollicitão os meios desta paz.

E ainda que nas pazes, ou cumpridas treguas (se se effectuarem), entre tambem o Reino de Portugal, he certo, que nos não durará mais o effecto dellas, que em quanto os Castelhanos previnirem suas armas para as voltar sobre nós, seri por isso os Francezes, nem outro algum Principe romper guerra com Castella, por mais que o tenham prometido, e jurado, porque nenhum segue mais leys, que as da conveniencia propria, e imaginar o contrario he querer mudar o mundo, negar a experiencia, e esperar impossiveis: antes se deve recer politicamente, que folgarão os Francezes de ver (o que nunca verão) entregado Portugal a huma desesperação, como a de Catalunha, para trocarem o nome de amigos no de Protectores, como já se pratica entre elles: para isso desenterrão Historias, fundão direitos, e acomodão ethimologias, e não seria muito, que á ambição Franceza se lhe antolhasse Portugal pela vizinhança, quando em vida do seu Cardal tratavão da nossa Ilha de S. Lourenço, e outros lugares das Conquistas, como V. M. foi avisado.

Por todas estas razões se conclue, que a dilação, com que França suspende as armas de Castella, quando menos he duvidosa, e pouco firme, e ainda que hajão outras razões (que não podem ser forçosas) pela parte contraria, poderão os Franceses entendel-as de outra maneira, e a conservação, que se funda no parecer, no poder, e na vontade alheia, bem se vê quão fraca he, e quão mal fundada: isto quanto ao poder estranho.

O poder proprio, em que se funda a conservação de Portugal, ou são as forças interiores do Reino, ou as exteriores das Conquistas, e nenhuma por si, nem ambas juntas são bastantes a o conservar naturalmente em caso que tenhamos guerra com Castella, de que se não ha de duvidar.

Posto que o poder militar conste de gente, armas, munições, bastimentos, tudo isto se reduz a dinheiro, e he certo, que perseverando as coisas de Portugal no estado presente, nunca o Reino poderá socorrer á V. M. com maiores sommas de dinheiro do que o fez este anno; porque alem dos direitos das decimas, e mais tributos, accrescerão donativos, confiscações, cunho da moeda, e outros augmentos de fazenda, que se não podem esperar cada anno, e dependendo-se isto em proveito do Reino, e estreitando V. M. com exemplo, verdadeiramente de Pai da Patria, os gastos da sua Real Pessoa, e Casa; vemos com tudo que as Fronteiras, e Cidades principaes estão sem fortificações, as portas abertas, a Costa, e lugares maritimos desprovidos, o Rio de Lisboa quasi sem Armada, o Alentejo com pouca cavallaria, e as outras Praças sem nenhuma; não bastando a providencia de V. M., nem o cuidado dos Ministros a suprir com a industria os effectos, a que não chega o cabedal; porque sendo precisamente necessarios dois milhoens, e duzentos mil cruzados para as lotações das Praças, e mais adherentes forças

para nossa defenza, não tem V. M. na contribuição das Decimas, e mais effectos deputados para a guerra, hum milhão, e seiscentos mil cruzados.

Pou, Senhor, se o dinheiro de tres annos não foi bastante a fazer as prevenções necessarias para a defenza, que thesouros tem Portugal para se socorrer em hum subito, quando seja acometido? Se todas as rendas, e tributos, sendo os maiores, que pôde levar o Reino, apenas bastão para sustentar hum poderoso Exército, para resistir ás forças de Castella, e com que se ha de fazer este Exército em caso que se rompa, ou diminua? Se a pouca opposição, que hoje nos faz o inimigo, nos consome todo o cabedal, e ainda são necessarios empréstimos, que seria se arimaste a Portugal todo o seu poder, que tem divertido em Catalunha, e que será quando o faça?

Esta razão, Senhor, he evidente, e ainda mais a força della, considerar que o dinheiro, com que o Reino serve, e assiste á V. M., não só não pôde crescer, mas antes, procedendo da mesma maneira, cada vez será muito menos, porque as confiscações, e cunho da moeda são accidentes, que não se podem repetir, as rendas e comendas estão empenhadas para muitos annos; os juros, as tenças, e os salarios não se pagão; com o levantamento da moeda cresce o preço ás mercadorias, e os Estrangeiros trazem prata em vez de drogas, com que quebrão muito os direitos das Alfândegas. As terras das Fronteiras infestadas do inimigo deixão de se cultivar por muitas leguas, as lavouras, e artes, levando-lhes os Officiaes para a guerra, diminuem, o que tudo vai consumindo, e atenuando as forças do Reino a passos tão largos, que em poucos tempos não poderão os homens manter as vidas, quanto mais pagar tributos, e sustentar as despesas da guerra.

As Conquistas, que são a outra parte do nos-

so poder, estão reduzidas a tal estado, que nada melhorão esta esperança. De tres annos a esta parte tem V. M. mandado á India huma Não, e nove Galeões, e em retorno de todo este cabedal, temos visto tres caravellas da India, servindo-nos aquella conquista pela gente, navios, e dinheiro, que nos tira, de muito maior estorvo, e gasto, que proveito, e com pouca probabilidade se pôde esperar melhoria a este damno, porque a pouca fé, e falsa amizade, com que os Holandezes nos tratão, bem mostra, que debaixo do nome de paz, nos querem fazer na India a mesma guerra, que nos fizeram em Angola, Maranhão, e S. Thomé, entretenendo-nos com fingidas promessas de restituicoes, e embaixadas, para mais nos divertirem, e senhearearem de todo.

O Brasil, que he só o que sustenta o Commercio, e Alfandegas, e chama aos nossos Portos esses poucos navios de estrangeiros, que nella vemos, com a desunção do Rio da Prata não tem dinheiro, e com a falta de Angola, cedo não terá assucar, porque já este anno se não recolheo mais que meia saíra, e nos seguintes será forçosamente cada vez menos, porque a falta de negros de Angola não se pôde suprir com escravos de outra parte, por serem incapazes de aturar o trabalho das canaviaes, e engenhos, como a experiencia mostra, nem o soccorro que vai a Angola, suposto o poder, e resolução, com que os Holandezes a tomarão, promete mais effeitos, que mostrar V. M. a seus Vassallos o zelo, e dezejo que tem de os ajudar, e soccorrer por todas as vias.

Este he o pouco cabedal, com que se achá Portugal no estado presente da paz, o qual no tempo da guerra forçosamente será menos, porque com as entradas, e temor dos inimigos impedem-se as lavouras, suspendem-se os commercios, cessão as artes, cresce a gente nos lugares, seguem-se los

mes, carestias, e outras consequencias naturaes da guerra, com que serão mui difficultosos, e quasi impossiveis de pagar os tributos; e quando o zelo dos vassallos acida com tudo o que possuir, e a necessidade ultima obrigasse a tirar a prisa por todas as Igrejas, este soccorro, quando muito será bastante para o primeiro, ou segundo anno, e a guerra de Portugal não pôde deixar de durar muitos; pois pelejamos dentro em Hespanha com o mesmo inimigo, que tão longe della faz guerra aos Holandezes, ha mais de setenta annos.

De todo este discurso se collie com evidencia, que a conservação do Reino de Portugal (em quanto se lhe não busca outro remedio) pôde parecer duvidosa, e assim assentão todos os Politicos do mundo, que pezaõ fielmente as forças das Monarquias, e medem os successos pelo poder, e de o sentirem assim nasce a pouca correspondencia, que os Principes de Europa hão tido com este Reino.

O Papa não recebendo nosso Embaixador: Dinamarca não admitindo Confederação: Suecia não continuando o Commercio: Hollanda não guardando amizade, e ainda a França, que he a mais obrigada, não nos mandando Embaixador assistente, sendo cousa muito digna de reparo, e sentimento, que se não veja em Lisboa huma Embaixada de algum Principe da Europa, quando tem sahido desta Corte doze Embaixadores, e actualmente estão hoje sete em diversas partes, o que tudo he evidente demonstração do menos concerto, que os Principes fazem do nosso poder, e da pouca probabilidade, com que discursão sobre nossa conservação.

Esta mesma desconfiança tem todos os homens de negocio, cujos juizes fundados no proprio interesse, são sempre os mais seguros, e como de homens tão intelligentes do mundo, não são os meos acertados; e vemos que os mercadores estrangeiros recção metter suas fazendas nos portos de

Portugal, e os Mercadores Portuguezes passão sem cabedões (e alguns as pessoas) a outras Pracas, porque assim huns, como outros, não tem por segura sua fazenda neste Reino.

Este he, Senhor, o estado da nossa conservação, e esta a verdade de seu perigo, a qual V. M. deve ouvir, acceitar, e considerar, não como dita por hum vassallo particular; mas como representada a V. M. pelo zelo dos mais fieis, e intelligentes, e pela voz, e recio commum de todo o Reino, que assim o discursa, e pratica, e pela opinião geral de todas as Nações Estrangeiras, e desinteressadas, que emquanto não melhoramos os fundamentos de nossa Conservação, nos profetizam ruina.

Não considere V. M. estas razoes, como nascidas do temor, desaffeição, ou outro algum affecto meenos-nobre, e menos Portuguez, porque os que mais amão a V. M., os que mais adorão a conservação, e perpetuidade desta Coroa, os que não tem dependencia, nem podem ter esperanças em Castella, e os que hão de dar a vida, e o sangue por V. M., são os que isto entendem, e dizem; e só o callão aquelles, a quem ou a neutralidade emmudece, ou cega a ambição, e lisonja.

Assim que, Rei e Senhor, V. M. tenha por suspeitosas as razoes apparentes, com que se persuadir a V. M. o contrario, porque são conselhos nascidos da pouca fé, ou de pouca intelligencia; e sendo a materia, que a V. M. se representa de tanta evidencia, e importancia, deve V. M., logo sem nenhuma dilatação, mandar tratar de seu remedio, para o que se propoem a V. M. o mais effizaz, e effectivo, que he o seguinte.

Supposto, como se tem mostrado, que o perigo da conservação de Portugal se funda todo na limitação do nosso poder, e maioria do inimigo, bem claro hea, que se se achasse hum meio, que

diminuisse o poder de nossos inimigos, e acrecentasse juntramente o nosso, este seria o mais effizaz remedio para effectuar a segurança da nossa conservação. Tal he, Senhor, o que á V. M. se representa neste papel.

Por todos os Reinos, e Provincias de Europa está espalhado grande numero de Mercadores Portuguezes, homens de gravissimos cabedões, que trazem em suas mãos a maior parte do Commercio, e riquezas do mundo: todos estes pelo amor, que tem a Portugal, como Patria sua, e a V. M., como a seu Rei natural, estão desejosos de poderem tornar para este Reino, e servirem a V. M. com suas fazendas, como fazem os Reis estrangeiros. Se V. M. for servido de os favorecer, e chamar, alentando o Commercio, como Rei que se intitula delle, será Lisboa o maior Imperio do mundo, crescerá brevissimamente em todo o Reino a grande opulencia, e seguir-se-hão infinitas commodidades a Portugal juntas com a primeira, e principal de todas, que he a sua conservação.

Porque primeiramente diminuit-se-ha a potencia de nossos dois inimigos, Hollandezes, e Castellanos, porque os homens de negocio Portuguezes são os que em Madrid, Sevilla, e Anvers assistem aos assentos da fazenda Real, tomando, e respondendo sobre seu credito muitos milhoens, em quanto não chegado as Frotas, com que ainda na maior necessidade podem os Reis, que se servem d'elles, sustentarem o pezo das guerras, e as despezas excessivas do grandes Exercitos, o que sem a assistencia destes homens lhes seria muy difficiloso, e quasi impossivel. Os Hollandezes da mesma maneira ficarão muy diminuidos no poder de suas Companhias, com que nos tem tomado quasi toda a India, Africa, e Brazil, porque ainda que os Mercadores Portuguezes não são as Pessoas immediatas da bolsa, com tudo entrão nas mesmas Compa-

nhas com grandes sommas de dinheiro, que divertido a Portugal, não só lhe fará grande falta, se não tambem grande guerra.

E não só virão para este Reino os Mercadores de Hollanda, e Castella, senão os de Flandres, França, Italia, Alemanha, Veneza, Indias Occidentaes, e outros muitos, com que o Reino se há de poderosissimo, e sua conservação ficará mais facilitada. Crescerão os direitos das Alfandegas de maneira que elles bastem a sustentar os gastos da guerra sem tributos, nem oppressão dos povos, com que cessarão clamores, e descontentamentos; poderá-se-ha pagar os juros, as tenças, os salarios, e que as rendas Reaes hoje não chegão, e terão os vassallos com que poder hir servir, pois a impossibilidade retira a muitos da Campanha. Crescendo o Commercio, abaterá o pezo das Mercadorias estrangeiras; subirão a mais valor as drogas do Reino, e de nossas Conquistas: crescerá gente, que he huma grande parte do poder: estará o Reino provido, e abundante de bastimentos. Os homens de negocio deste Reino, que com a desconfiança de pouco favorecidos, se diz, que são pouco confidentes, e que prejudicão ao Reino com as ciar, e diversões de dinheiro, ficarão por este meio assegurados, e restituídos á maior confidencia. Razão porque quando não houverão tantas, era esta de muito pezo pelo muito numero, e importancia destes homens; e não só se semeará a fidelidade delles, senão a de muitos Christãos velhos, que por julgarem pouco provavel a conservação de Portugal, ainda tem o animo em Castella, e he certo, que quanto o Reino crescer em poder, tanto mais firmes raizes lançará a fidelidade ainda dos mais zelosos Portuguezes.

Terá V. M. grande numero de poderosos Navios de seus vassallos sem os comprar, nem alugar aos estranhos, ou os conservar proprios, quantos

do queirá fazer Armadas, ou mandar soccorros ás Conquistas; engrossarão as Frotas do Brasil, restaurar-se-ha o Commercio da India, se os Hollandezes quizerem vir em alguma conveniencia sobre as Prças, que nos tem occupado.

Terá V. M. Vassallos, que possam emprestar quantidade de dinheiro, e esperar as consignações, com que se resgatem. E quando os Hollandezes (como he certo) continuem na falsa paz, com que se vão senhorcando das nossas Conquistas, terá V. M. quem levante Companhias contra as suas, e poderá romper a tregoa, e acceitar a boa vontade do Conde de Nassau, e effectuar outros tantos tractos com os Capitães de suas fortalezas, mais faciles de vender pelo interesse, que pelas armas, e só desta maneira se pôde restituir a India, Angola, e o Brasil: ajudar-se-ha tambem V. M. das intelligencias, e industrias destes homens, porque não só por sua industria se poderão trazer das Naçoens Estrangeiras por muy acomodados preços as coisas necessarias para a guerra, mas tambem por suas intelligencias segretas se poderão saber os designtios, e grangear as noticias dos Reinos estranhos, sem os quaes se não pôde bem governar o proprio.

Finalmente estes homens hão de metter neste Reino grande numero de milhoens, dos quaes se pôde V. M. socorrer em hum caso de necessidade, e sem oppressão do Reino, nem ainda dos mesmos Mercadores, porque fitando-se os homens de negocio, que havia em Lisboa, para hum donativo, com que serviu a ElRei D. Sebastião, achon-se pela finta da fazenda dos que havia nesta Praça subir a cincoenta milhoens, não chegando a dois o que hoje ha em todos os homens de negocio de Lisboa, e como toda esta fazenda está sempre entrando, e sahindo, he coisa averiguada, que em cada tres annos pagão os Mercadores de direitos,

quanto manejo de cabedal, e a este respeito se deixa bem ver quanto crescerão as rendas de V. M., admitindo os homens de negocio, que nunca foram tão ricos, e tão poderosos, como hoje estão no mundo.

Em fim, Senhor, Portugal não se pôde conservar, sem muito dinheiro; para este dinheiro, não ha meio mais effizaz que o Commercio, e para o Commercio não ha outros homens de cabedal, e industria mais que os da Nação. Admittindo-os V. M. poderá sustentar a guerra contra Castella, ainda que dure muitos annos, como vemos no exemplo dos Hollandezes, que fundando a sua conservação na mercancia, não só tem cabedal para resistir, como hão resistido, a todo o poder do Hespanha, mas para senhorear os mares, e conquistar Províncias em todas as partes do mundo.

Por falta do Commercio se reduzio a opulencia e grandeza de Portugal ao miseravel estado, em que V. M. o achou, e a restauração do Commercio he o mais certo caminho de V. M. o restituir ao antigo, e ainda mais feliz estado. E se o Castelhano para reduzir Portugal a provincia, e lhe quebrantar as forças, tomou por arbitrio retirar-lhe os Mercadores, e chamar para as Praças de Castella os homens de negocio; chame-os V. M., e restitua-os outra vez a Portugal, que não pôde ser boa razão de Estado para nossa conservação, e restauração continuar, e ajudar os mesmos meios, que nossos inimigos tomardó para nossa ruina.

E porque duas são as causas, que desnaturalizavão deste Reino aos homens de negocio, ou culpas de que estão accusados nas Inquisições, ou recio do estillo, com que as causas da fé se tratão neste Reino, para que com segurança se possam tornar á elle, V. M. lhes deve dar sua Real palavra de admitir o perdão, que elles alcançarem do Papa, acerca do passado, e para o futuro mo-

deração de estillo, que Sua Santidade julgar ser mais conveniente se guarde nas Inquisições deste Reino, como se tem feito em todas as da Christandade, onde ha Inquisições.

Mas porque haverão alguns, que com mais piedade, que bem fundado zelo, cuidarão que com esta permissão se encontra a pureza de nossa Santa Fé, e que no effeito, ou quando menos na apparencia, ficará parecendo Portugal menos na Catholico, admittindo homens, ou que publicamente forão condemnados, ou que por fugirem do Reino se fizeram suspensos de Heresis, a este escrupulo se responde por muitas, e muy concludentes razões, com que mais se persuada as conveniencias desta proposta.

Primeiramente favorecer os homens da Nação, e admitti-los neste Reino na fórma em que se representa, não he contra lei alguma Divina, nem humana, antes he muy conforme aos sagrados Canones, doutrina dos Padres, e resoluções de muitos Concilios geraes, e particulares, que não se poem aqui por não embarçar este discurso, e se allegarão, sendo necessario.

He tambem conforme á sentença commum de todos os Theologos, os quaes ensinão, que para defensão, e conservação do Reino, podem os Principes confederar-se, chamar, e unir a si qualquer genero de Infeis, e se alguns Doutores limitão esta conclusão, he só em caso, que os taes Infeis fossem tão barbaros, e insolentes, que houvessem de destruir os Templos, profanar os Altares, affrontar os Sacerdotes, e Virgens consagradas á Deus, o que se não teme, que fação os Mercadores da Nação, antes he certo que enriquecerão, e augmentarão o Culto Divino, como sempre fizeram, e fazem neste Reino.

Confirma-se o mesmo com o exemplo das historias sagradas, em que os Principes, e Varões mais

amigos de Deos se unirão muitas vezes com os Infiéis, e Idolatras para fazerem guerra a seus inimigos, ou se conservarem na paz, approvando estas accções do Espirito Santo antes das mesmas Escrituras; e assim temos que Abraham se confederou com Abimelech, David com ElRei Achis, e os Machabees com os Romanos, que são exemplos fortissimos, e de authoridade irrefragavel.

Tambem se funda esta verdade na doutrina do Evangelho, onde Christo Senhor nosso fallando em proprios termos, aconselha que se deve dissimular a zizania por sustentar as raizes do trigo, entendendo por zizania os Infiéis, e por trigo os Catholicos, como affirmão os Doutores, e no mesmo lugar reprehendeo o Senhor o falso, e mal entendido zelo dos que com perigo da conservação do trigo querião arrancar a zizania, e mandou que se deixasse estar, e crescer juntos na mesma seara.

Isto mesmo julgão, approvão, e aconselhão universalmente todas as Naçoens do mundo Catholicas, e Politicas, e o sentem assim os mesmos Portuguezes, tirando alguns poucos, que levados mais da apprehensão geral que de fundamentos solidos, e verdadeiros, o contradizem, senlo os que isto approvão, e dezeção as pessoas mais qualificadas do Reino em limpeza de geração, letras, virtude, religião, intelligencia, experiencia de governo, e as mais zelosas da propagação da Fé, augmento, e conservação da Coroa, e honra da Nação Portuguesa.

E quando nada disto houvera, bastava o exemplo, e consentimento universal de todos os Principes da Christandade, que assim o fazem; porque não podemos negar aos Reis Catholicos de Castella serem muito zelosos da Religião Christã, e sabemos que admittem, e favorecem os homens da Nação, e que os chamão, e convidão para os seus Reinos, como fizeram estes annos proximos á tan-

tas mil casas de Mercadores Portuguezes, a quem entregavão os assentos, e contrafactos reaes por experimentarem nella mais fidelidade, e menos interesse, que nos Ganovezes. O Rei de França, no nome, e nas obras Christianissimos, e particularmente em nossos dias Luiz XIII o Justo, e tão grande defensor, e propagador da Fé, que por estender a religião Catholica quasi destruiu seu Reino, arrazando tantas cidades de Hereses; tão longe creve de despedir da França os Mercadores da Nação, que no mesmo tempo lhe estava fazendo grandes favores, se servia muito delles, e se ajudava de suas fazendas para sustentar os Exercitos, e Armadas nas emprezas, em que Deos o prosperou tanto, e ao mesmo favor continou a Rainha Regente, e novo Rei de França. O Imperador, e Republica de Veneza, o Duque de Florença, e todos os Pontentados Catholicos guardão o mesmo estilo com a gente da Nação. E finalmente o summo Pontífice Vigario de Christo, verdadeiramente regra da Fé, não só admittie aos que nós chamamos Christãos novos (entre os quaes, e os vellos nenhuma differença se faz em toda a Italia), senão que dentro na mesma Roma, e em outras Cidades, consente Sinagogas publicas de Judeos, que professão a Ley de Moisés.

Pois se na cabeça da Igreja se consentem homens, que professão publicamente o Judaismo; porque não admittirá Portugal homens Christãos, e baptizados, de que só pôde haver suspeita de que o não serão verdadeiros? E se os Principes Catholicos admittem, e favorecem os Mercadores Portuguezes por suas razoes, e conveniencias; como pôde ser conveniencia, e razão, que nós os lancemos do nosso Reino? Isto he quererem ser demasiadamente justos contra o que aconselha o Espirito Santo — *non esse nimis justus* —, e por seguirmos a virtude, virtuos a dar nos extremos, em que a

mesma virtude se perde. Se os Mercadores Portuguezes forão Vassallos de outro Principe, devera Portugal chama-los pelas mesmas conveniencias, porque os outros Principes Christãos os deixarão. Pois que razão pôde haver, para que lancemos de nós por serem nossos, os que se forão estrangeiros deveramos admitir, e convidar com premios?

Mas para persuadir, e convencer esta razão, não he necessario recorrer a exemplos de fóra, porque dentro em Portugal os temos tão evidentes, que se bem repararmos nelles, advertiremos, que admitimos por muitas vias o mesmo, que por esta difficultamos.

Pelas conveniencias do commercio admittit Portugal, como se vê em Lisboa, e em todas as Cidades maritimas muitos Hereses de Hollanda, Inglaterra, e França; que muito he logo que se admittão, e conservem os homens de Nação, sendo nelles muito maiores as razões do nosso interesse, porque tudo o que ganhão os Mercadores Hollandezes, Francezes, e Inglezes, enriquece a Hollanda, França, e Inglaterra, e o que negocião os Mercadores Portuguezes fica enriquecendo Portugal.

Verdadeiramente he difficultosissima de entender a razão de Estado de Portugal, porque sendo hum Reino fundado todo no commercio, os seus Mercadores Portuguezes lança-os para os Reinos estranhos, e os Mercadores estrangeiros admittit-os dentro em si; para que o proveito, e interesse da negociação, e commercio venha a ser todo dos estranhos, e nada nosso, e he evidente este augmento; porque o que os Mercadores Portuguezes ganhão nos Reinos estranhos lá fica, e o que os estranhos ganhão neste para lá vai.

Tambem vemos, que não só consente Portugal, antes chama á sua custa, e está sustentando com excessivos soldos muitos Hereses Hollandezes, e Francezes, e entre estes Hereses, e os Chris-

tãos novos ha muita differença, porque estas vontades levar o dinheiro; e outros vem-no ha trazem. Huns publicamente são Calvinistas, e Luteroanos, outros publicamente confessão a Fé Catholica. Huns profanão os Templos, e Altares, outros edificão-os, e enriquecem-nos. Huns se delinquem contra a Fé, dissimulamos-lho, outros se delinquem, ainda que seja occultamente, queimamos-lho, e tomamos-lhes as fazendas. E finalmente a heresia das outras Nações he muito mais contagiosa, que o Judaismo, porque o que está mais distante pega-se menos, e o Judaismo, como não confessa a Christo, dista mais da Fé Catholica, que as Settas dos outros Hereses, que todas o confessão, e assim vemos que a França, Alemanha, Inglaterra, e quasi toda a Europa está infimada da heresia, e o Judaismo não passa dos Homens da mesma Nação. Pois se a necessidade da guerra nos obriga a admittir entre nós as heresias mais contagiosas, porque não admittiremos as que o são menos?

Principalmente, que se com não admittirem estes Mercadores, se alimpara Portugal totalmente da Gente da Nação, parecia materia mais consideravel reparar em o chamar-nos; mas quando Portugal em todas as partes está tão cheio desta Gente, que importa, que se sejão mais alguns, salvo se he razão para termos huns, e não admittirmos outros, poderem estes ser de muita utilidade, e os outros de nenhuma? Se temos com nosco os que nos não podem ajudar, porque não admittiremos os que nos hão de ser de tão grande proveito?

Acrescentar-se, que os homens da Nação, que estão espalhados por toda a Europa, nós não os lançamos de Portugal. Elles se forão voluntariamente; porque difficultamos logo admittir os mesmos, que havião de estar com nosco se se não tiverão ido?

Principalmente que os damos que Portugal experimentou de sua invenção nas quebras do commercio,

e a opotencia, a que com elles crescerão nossos inimigos, antes são motivos para os chamarmos, que razoes para os despedirmos.

E não só não he contra a pureza da nossa Santa Fé, o admitir os homens de negocio destes Reinos, como até aqui se tem mostrado, mas antes, bem consideradas as conveniencias, e millhoes da sua admissão, terá obra de grande serviço de Deos, gloria da Christandade, e augmento da mesma Fé.

Porque estando, como estão por nossos peccados, occupadas pelos Hereses Hollandezes tantas partes de nossas conquistas, onde florescia a Fé Catholica, he tão certo, como digno de lastima, que não só nos Genticos, e Christãos daquellas Nações recém-convertidas, se tem atizado o fogo das heresias, e abrazado as novas Searas de Christo, senão que tambem pela vizinhança, conversação, largueza de vida, e falta de doutrina, e Sacramentos, se vão introduzindo os mesmos erros nos Portuguezes, e seus filhos, de que se tem achado mais exemplos em Pernambuco, e outras muitas partes, do que bastavão á dor, e á evidencia. Pois se admitindo a Gente de Negocio se espera, como fica mostrado, que terá forças o Reino com que conquistar, e restituir a V. M., e á Fé aquellas Praças do Brazil, e India, porque se engeliarão os meios tão efficazes de hum fim tão piedoso, e catholico? Se o dinheiro dos homens da Nação está sustentando as armadas dos Hereses, porque semeem, e estendão pelo mundo as Seitas de Calvino, e Lutero, não he maior serviço de Deos, e da Igreja, que sirva esse mesmo dinheiro ás armas do Rei mais catholico para propagar, e dilatar pelo mundo a Ley, e Fé de Christo?

Sirva-se V. M., Senhor, de considerar o peso desta razão tão catholica, e forçosa, e não dezo-

je maior gloria o piedoso zelo de V. M., que ser o David deste Gigante. Vença V. M. a infidelidade com suas proprias armas, degulando a Idolatria com a espada do Judaismo, assim como os mesmos Judeos, quando Deos os governava, conquistavão a terra de promissão com os thesouros dos Egyptios.

E não só nos Genticos de nossas Conquistas melhorará o partido da Fé, senão nos mesmos homens de Nação Hebræa fugitivos deste Reino; por que he certo nos estranhos, onde vivem com liberdade de consciencia, muitos delles são verdadeiros Catholicos, nos quasi se augmentará a Fé, e piedade; todos os seus descendentes morrerão baptizados, e salvar-se-hão tantas almas, que por falta de baptismo se perdem, e ainda os que interiormente forem infieis, vivendo entre Christãos, e á vista dos bons exemplos, verdade, e doutrina da nossa Santa Fé, terão occasião de se converterem a ella, que entre os hereses lhes falta, porque posto que a experiencia tenha mostrado, que ha fingimentos na Christandade de muitos, a mão de Deos não he abreviada, nem havemos de desconfiar dos poderes efficazes da sua graça; pois sabemos que desta mesma Nação ha, e houve em todas as Cidades da Igreja Catholica muitos homens santissimos, que com a pureza da vida, e verdade da doutrina a illustrarão, e muitos, que com o sangue a ajudarão a plantar, e defender; porque em fim desta Nação forão os sagrados Apostolos, e a Virgem Santissima, e este foi o sangue, que o Filho de Deos se dignou tomar para preço da nossa Redempção, e união da sua Divindade, que he humanação entre tolas, que muito deve mover a clemencia de V. M. a se compadecer da miseria desta gente, e procurar o remedio, ou de sua innocencia nos bons, ou de sua cequeira nos máos, deixando-se esperar com muito fundamento, que por

meio do favor, que V. M. fizer á estes homens se alcance delles o que pela severidade do rigor se não tem alcançado; porque além de ser de fé, que toda esta Nação se ha de converter, e reconhecer a Christo, as nossas Profecias contão esta felicidade de entre os prodigiosos effeitos do milagroso regido de V. M., porque dizem que ao Rei encoberto virão ajudar os Filhos de Jacob, e que por premio deste socorro terão o conhecimento da verdade de Christo, a quem adoravão, e reconhecerão por Deos.

Supposto pois que esta materia, sendo de tanta importancia para a conservação do Reino, em nada encontra, antes pôde ajudar muito ao bem da nossa Fé, a deve V. M. mandar resolver sem nenhum escrupulo de consciencia, nem receio de que Deos se desagrada desta acção verdadeiramente justa, e piedosa, e em prova deste seguro, allego só a V. M. a memoria dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III, e D. Sebastião, em cujos differentes successos nos dá bem a conhecer a occulta disposição da Providencia Divina, que se não desagrada de que os Reis Catholicos usen de piedade, e clemencia com estes homens.

O Senhor Rei D. Manoel de Gloria Memoria os admittio neste Reino, e lhes prometteo os favores, que se contem nas palavras seguintes, que são de huma Provisão Real Sua: — *E lhes promettimos, e nos apraz, que daqui em diante não faremos nenhuma ordenança, nem defisa, como sobre gente distincta, e apartada; mas assim nos apraz em tudo seão havidos, e favorecidos, e tratados como proprios Christãos velhos sem serem distinctos, e apartados em coisa alguma. &c.*

Isto mesmo confirmou depois o Senhor D. João III, o qual favoreceo muito os homens da Nação, e se servio delles em postos, e negocios de grande confiança, e he certo que estes dois Reis

forão os mais felizes de Portugal, e seus annos os mais prosperos, e gloriosos, assim espirital, como temporalmente pelo muito, que dilatárão a Fé, e enriquecerão o Reino.

A ElRei D. João III, succedeo ElRei D. Sebastião, o qual revogou a lei, ou contracto, que os Reis seus antepassados tinham feito com a gente da Nação, (a qual revogação por grandes fundamentos de direito julgarão muitos ser nulla, e invalida) e dos successos de Portugal no tempo de ElRei D. Sebastião são boas testemunhas as lagrimas de sessenta annos, que a feliz acclamação de V. M. nos enchugou. Não se infere, nem pôde inferir daqui, que a mais, ou menos favor, com que os Senhores Reis tratárão a gente da Nação foi causa da desigualdade de seus successos, mas infere-se sómente, e prova-se com clareza, que nem o favor, com que os tratárão os dois primeiros Reis, lhes retardou o curso de suas felicidades; nem o rigor, com que procedeu contra elles o terceiro, bastou a melhorar os successos da sua fortuna.

Assim, que, Rei e Senhor nosso, não he materia esta de escrupulo, nem receio, principalmente quando V. M. (como se propoem) deixe a resolução della ao juizo, e disposição do Summo Pontífice, a quem como Vigario de Christo, e primeira regra de nossa Santa Fé pertence ordenar, variar, e dispor o que, segundo os tempos, e estados da Igreja, parecer mais conveniente ao proveito das almas, e gloria Divina, á qual e á de V. M. se seguirão juntamente por este meio, e lançando-se fundamentos solidos, e permanentes, a nossa conservação, e a da pessoa de V. M. principalmente, que he o principio, de que todas as nossas felicidades, e esperanças dependem.

O Padre Antonio Vieira.

ADVERTENCIA.

NÃO cabe em nosso coração o prazer, que temos ao escrever este artigo. Tudo quanto dissemos no N.º precedente foi apenas o prelúdio da que hoje nos interessa. Não he só a França invadida por diferentes lados; o povo Francez sentindo os males, de que alagou a Europa; o Tyranno saltando de lugar em lugar, e em vão buscando a segurança no seio das victimas illudidas da sua ambição: a capital da mesma França em poder dos Alliados, a despeito dos inúteis esforços do Despotia; a voz da paz e da liberdade ressoando dentro das muralhas de Paris; nas Províncias do Norte, do Sul, e do Est retumbando os gritos de *Viva Luiz XVIII; morre o Tyranno!* he a scena mais interessante, e ao mesmo tempo a mais inesperada. Não se podem ler sem alvoroço as demonstraçoens de alegria, que os Francezcos tem dado ao acôdrem o jugo da Escravidão. Apresentando aos nossos Leitores o que se passou em Bordeaux, os podemos em estado de julgar quanto he odioso o despotismo, e em quanta ancia anelão os outros povos da França a quebrar as cadeias em que gemem. As proclamaçoens e instruçoens, do Marquez de Chabannis e do Conde de Artois, que ajuntamos, serão novos argumentos da mais bem fundada esperança. A paz he quanto falta para rematar nossos desejos, humna paz cimentada com o sangue do tyranno, sustentada sobre os principios generosos da independencia das naçoens, e dos legitimos governos. A Europa respirará depois de tantos annos de fadiga e de angustias, semelhante a hum doente, a quem os remedios mais agros e mais violentos restituirão a saude. As Sciencias, as Artes, e o Commercio quebrarão as suas prisoes, e farão o prazer e a abundancia da Sociedade.

Tal he a scena lisongeira que há tanto prepa-

ramos, e que tão rapidamente se tem approximado nestes ultimos tempos. Nossos vaticínios inspirados pelo nosso patriotismo se encherão, e julgaremos com a mais satisfação dahi em diante esteril a nossa tarefa.

Aclamação de Luiz XVIII em França.

(Jornal de Bordeaux, N.º 1.º — 2.ª feira 14 do Março de 1814.)

O Dia dezo será para a Cidade de Bordeaux a epoca mais gloriosa, que será consagrada nos fastos da historia. Há muito tempo, que os Bordelezes se haviam declarado contra o governo oppressor, que fez gemer a França; mas não tinham ainda achado o momento favoravel para scodir o jugo. Entretanto Cidadãos zelosos trabalhavam em segredo, ao restabelecimento do Governo paternal dos netos de Henrique IV. M. Lynch, que fora magistrado no parlamento de Bordeaux, que a Providencia havia escolhido para dar o sinal, se ajastava com Taffart de St. Germain, commissario de S. M. Luiz XVIII, para aproveitar o primeiro momento. A chegada do exercito Inglez ao territorio Francez, os sentimentos grandes e generosos d'aquella nação, que salvou a Europa da escravidão e da oppressão, tudo fazia esperar, que estava proximo o dia da liberdade. Soube-se então que S. A. R. Mr. Duque de Angouleme tinha chegado ao exercito. O neto de Henrique IV, o esposo de S. A. R. a filha de Luiz XVI, havia entrado em S. João da Luz. O Conselho Real ordenou que M. de Laroche-Jacquelin e M. Queyriaux apparecessem a S. A. R., para receber as suas ordens, e confôr com Lord Wellington. Sua Senhoria, amante dos Bourbon, prometteu todos os soccorros necessários para defender os verdadeiros realistas. Mr. Jorge

Bontemps du Parri, foi enviado para rogar a S. A. R. que se dignasse de hir a Bordeaux. Lord Wellington fez logo marchar huma columna sobre Bordeaux; confiou o commando della ao Marechal Beresford, tão inclinado como Sua Senhoria ao restabelecimento de Luiz XVIII. Logo que M. o Commissario do Rei e M. Lynch estiverão certos da chegada dos generosos alliados, tudo se preparou para recebe-los de huma maneira digna delles, digna do Rei, que vinhão restituir-nos, e digna dos Bordelezes, que querião dar huma grande prova de sua lealdade. Mandarão-se estafetas ao encontro do Senhor Marechal, e partirão Deputados para levarem a S. A. R. os votos dos Bordelezes. Que fortuna não he, bravos Gascoens! sermos nós os primeiros, que pozemos aos pés do Principe a homenagem do respeito e da fidelidade!

Logo que o Senhor Marechal chegou a Ponte de la Maye, o Coronel Vivian foi enviado a M. o Maire para lhe annunciar que elle cria entrar em huma cidade alliada, e sujeita a S. M. Luiz XVIII; logo recebeu a certeza, e M. Lynch, e os Senhores adjuntos, escoltados de huma guarda real sem uniforme, se apresentarão ao Senhor Marechal; arvorou-se logo o tope branco, a bandeira branca fluctuou sobre a torre de S. Miguel, e M. o Maire dirigio ao Senhor Marechal hum discurso, que, exprimindo todos os votos dos Bordelezes, penetrou de sensibilidade todos os corações dos que o podião ouvir: quanto era agradável ver-lhe depor a sua bandeira, tomar o antigo emblema dos Francezes, se arvorar o tope branco, simbolo da paz e da felicidade! Os gritos de *viva El Rei*, que se repetião em echo, interromperão muitas vezes ao Senhor Maire e ao Senhor Marechal. Sua Senhoria repetio com hum tom affectuoso a promessa feita por Lord Wellington. A procissão se tornou a pôr em marcha para entrar no Hotel-de-Ville; o povo

corria em chusma a encontrar os libertadores; os gritos de *viva os Bourbons; honra aos Ingleses; viva o Maire*, se succedião sem interrupção; o contentamento estava em todos os rostos; legiminas de prazer corrião de todos os olhos; nascia a música da felicidade: M. o Marechal, chegando à Casa da Camara, recebeu MM. os adjuntos, e M. o Commissario do Rei, condecorado com a banda real, apresentados por M. o Maire. O Senhor General fez novos protestos da protecção da sua real nação.

Mas as reclamações do povo, mas todos os corações pedião o Principe; cada hum queria ver o Sobrinho do Seu Rei; queria-se mostrar a elle mesmo todo o affecto que se lhe tinha; ao mesmo instante chegou Mr. o Duque de Guiche para annunciar que S. A. R. estaria em Bordeaux antes de tres horas; que hiria immediatamente à Cathedral; esta noticia foi logo repetida por mil vozes; de todas as partes e por toda a Cidade se levantirão novos gritos de *Viva El Rei*: foi geral a alegria; numerosos destacamentos de moços realistas partirão para se pôrem na presença de S. A. R., e M. o Maire entrou depois na sua cartueira com M. o Commissario do Rei, MM. os adjuntos e huma parte do Conselho Municipal os acompanhárão, era imensa a multidão; logo que se avistou S. A. R., Mr. Lynch, e todo o seu acompanhamento apertou-se; Mr. Lynch fez huma falla a S. A. R., e recebeu huma resposta digna do filho de Henrique IV.; o esquecimento do passado, a felicidade para o futuro, cisquiu o que elle vinha trazer aos Francezes, estes os sentimentos dos Bourbons, este o voto do Rei, e de todos os Princeses; S. A. R. se pôz em caminho para a Cathedral, mas a multidão enfilta todas as ruas, querião ver o Principe; este parava a cada instante para deixar gozar os Francezes da felicidade de o contemplarem; o Senhor Arcebispo
h ii

esperar S. A. R. na porta principal da Cathedral, toda a Igreja estava cheia, e gastão-se tres quartos de hora antes de chegar ao Sanctuario; a Santidade do lugar não pôde suffocar as aclamações, os gritos de *Viva El Rei* suspendião a cerimonia; cantou-se o *Te Deum*, que foi repetido por todos os corações; S. A. R., querendo provar aos Bordeslezes quanto estava tocado de seus sentimentos, foi á Camara para encarregar os Magistrados de terem os seus interpretes; os gritos de *Vivão os Bourbons, Viva El Rei*, o procederão por toda a parte, e seguirão seus passos.

O Maire de Bordeaux a seus Conciudadãos.

Habitantes de Bordeaux, o Magistrado paternal da vossa Cidade foi chamado pelas mais felices circumstancias a ser o interprete de vossos votos ha muito tempo reprimidos, e o órgão do vosso interesse, para agualhar em vosso nome o sobrinho, o genro de Luiz XVI, cuja presença converte em Aliados povos irritados, que até ás vossas portas tiveram o nome de inimigos.

Já, Bordeslezes, as proclamações, que pela impossibilidade da prensa, vossas penas impacientes tem multiplicado, vos segurarão das tenções do nosso Rei e dos projectos de seus Aliados.

Os Inglezes, os Hespanhoes e os Portuguezes não vierão sujeitar nossos narizes a hum dominio estrangeiro. Reunido-se no Meio-dia, assim como outros povos no Norte, para destruir o flagello das nações, e pôr em seu lugar hum Monarca, Pai do povo. Só por elle he que podemos socegar o resentimento de huma nação vizinha, contra a qual nos lançou o despotismo mais perfido.

Se eu não estivesse convencido de que a presen-

ça dos Bourbons, condemnados pelos seus generosos Aliados, devia trazer o fim de nossos males, sem duvida eu nunca desampararia vossa Cidade; mas teria curvado a cabeça em silencio de baixo de hum jugo passageiro. Não me seria arvorar esta cor, que presagia hum governo puro, se não me houvessem affiançado que todas as classes de Cidadãos gozarão desses beneficios, que os progressos do espirito humano promettião ao nosso seculo.

As mãos dos Bourbons são limpas do sangue Francez. Com o testamento de Luiz XVI na mão, se esquecem de todo o resentimento: por toda a parte proclamão e provão que a tolerancia he a primeira necessidade de suas almas. Instruidos de que os ministros de huma religião differente da que elles professão, tem gemido sobre a sorte dos Reis e dos Pontífices, promettem huma igual protecção a todos os cultos, que invocão hum Deus de paz e de reconciliação.

Lamentando esses terriveis estragos da tyrannia, que a licença trouxe apez si, se esquecera dos erros, que as illusões da liberdade causarão. Longe de querer mal a aquelles, que com hum ardor já castigado de sobra correrão a poz do seu vão fantasma, elles vem restituir-lhes aquella verdadeira liberdade, que deixa ao mesmo tempo sem desconfiança o Rei e o povo. Todas as instituições liberaes serão conservadas. Assombrado da facilidade dos Francezes em votar impostos, arimões do despotismo, o Principe será o primeiro em ajustar com os vossos representantes o modo mais legal, a repartição mais justa, para que o povo não seja temagado.

Estas breves e consoladoras palavras, que vos acaba de dirigir o Esposo da filha de Luiz XVI, Nada mais de tyranno! nada de guerra! nada de conscripção! nada de impostos venatorios! tem já assegurado as vossas familias.

Já S. M. tem por duas vezes proclamado á face da Europa que o interesse do Estado lhe faria huma lei de consolidar vendas, que por mudanças innumeráveis tem interessado tantas famílias em propriedades, que de hoje em diante ficão garantidas.

Bordelezes! Eu estou certo de que a firme vontade de S. M. he favorecer a industria, e reconduzir entre nós essa imparcial liberdade de commercio, que antes de 1789 tinha derramado a abundancia em todas as classes laboriosas. Vossas colheitas deixavão de ser ruinosas; as colonias, ha muito separadas da mãe patria, vos serão restituídas; o mar, que se havia tornado como inutil para vós, vai outra vez condazir a vossa porto hundeiras amigas. O obreiro laborioso já não verá suas mãos ociosas, e o maricheiro restituído á sua nobre profissão, vai navegar de novo para comprar o descanso de sua velhice, e deixar em testamento a sua experiencia a seus filhes.

O esposo da filha de Luiz XVI está dentro de vossos muros; bem depressa elle mesmo vos fará ouvir a expressão dos sentimentos, que o animão, e dor do Monarca, de quem elle he o representante e o interprete.

A esperanza dos dias de felicidade, que elle vos segura, tem muitas vezes sustentado muitas forças. Não preciso convidar-vos á concordia. Não tendem todos os nossos votos á mesma meta, á destruição da tyrannia, debaixo da qual gememos todos igualmente? Mas cada hum de vós deve concorrer com tanta ordem como ardor. Amsterdam não esperou a presença de seus libertadores, para se declarar, e restabelecer o antigo governo; só capaz de resuscitar o seu commercio e prosperidade; no patriotismo dos negociantes deveu o *Stathander* o seu restabelecimento, e a pronta creação do exercito, que defende por suas mãos a liberdade Holandeza.

Sereis os primeiros que dêdes á França hum semelhante exemplo. A gloria e o proveito, que a vossa Cidade daqui ha de colhet, se farão para sempre celebre e feliz entre as Cidades.

Tudo nos promette esperar que ao excesso dos males vão a final succeder estes tempos desejados pela prudencia, em que devem cessar as rivalidades das nações; e por ventura estava reservado ao grande capião, que já mereceu o titulo de *libertador dos povos*, misturar o seu nome glorioso com a epica deste feliz prodigio.

Taes são, ó meus concidadãos, os motivos, as esperanças, que tem guiado os meus passos, e me determinarão a fazer por amor de vós, se necessario fosse, o sacrificio da minha vida. Deus me he testemunha que nunca tive em vista mais do que a felicidade da nossa patria. *Viva ERRE!*

Bordeaux, Coza da Camara 12 de Março de 1814.

O Maire.
Lynch.

(Assignado)

Em nome do Rei.

O Duque de Angoulina ao Exército Francês.

Soldados! — Eu chego; estou em França; metta França, que eu tanto prezol. Venho quebrar vossos ferros; venho desancolar a bandeira branca, esta bandeira sem noção, que vossos Pais seguirão com tranaporte. Ajunai-vos a ella, bravos Francezes, e marchemos todos a derribar a tyrannia.

Generaes, officiaes e soldados, que vos alistades debaixo da antiga bandeira das lyres, em nome do Rei, meu tio, que me encarregou de vos fazer

conhecer suas intenções paternas, em vos seguro vossos grãos, vossos soldos e recompensas proporcionadas á fidelidade de vossos serviços.

Soldados Francezes! o neto de Henrique IV., o esposo de huma Princesa, cujas desgraças não têm par, nua que dirige todos os seus votos á felicidade da França; hum Principe, que se esquece de suas penas, ho exemplo do vosso Rei, para cuidar somente nas vossas, vem com confiança entregar-se em vossos braços.

Soldados, a minha esperança não será enganada. Sou o filho de vossos Reis, e vos sois Francezes!

Luiz Antonio.

S. João da Luz, 11 de Fevereiro de 1814.

Por Ordem de Sua Alteza Real.

O Conde Estienne de Damas.

Falla do Maire de Bordeaux dirigida ao Marechal Beresford no dia 10 de Março de 1814 ao meio dia.

„ **G**eneral. — A generosa nação, que tem dado tantas provas decisivas da sua magnanimidade em ajudar com huma constancia inalteravel seus opprimidos aliados, se apresenta hoje ás portas da Cidade de Bardeaux, como aliada do nosso augusto Soberano Luiz XVIII.

Nós vimos, General, expressar-vos em nome de todos os nossos Conciudadãos os sentimentos, que os animão.

Vós presenciareis os testemunhos, com que em toda a parte brilha o nosso amor ao nosso Rei. Es-

tes testemunhos serão também misturados com sentimentos de gratidão.

Não se offereça mais obstaculo algum á união de nossas patrias! Entrem os vossos saivos francamente nos nossos portos, e os nossos saivos recebidos nos vossos, como amigos! Destasarte gozaremos mutuamente dos benefícios da communicação commercial. A alliança da Inglaterra e França asegura a paz e a felicidade do mundo. „

As 2 horas o mesmo Maire fez a seguinte falla a Sua Alteza Real o Duque de Angouleme.

„ **M**onsieur. — Que dia para a Cidade de Bordeaux he aquelle, em que recebe em seu sobriño e o genro de Luiz XVI., e do nosso amado Rei Luiz XVIII! A França por tanto está a ponto de recobrar a sua felicidade! Ella só a pôde gozar debaixo do governo paternal de hum descendente de Henrique IV., do Soberano, cuja distinta prudencia foi igualmente provada na prosperidade e na adversidade.

„ Que mais feliz presagio podíamos nós ter, Senhor, da nossa futura felicidade, do que a presença de hum Principe tão nomeado pela sua affabilidade, prudencia e firmeza!

„ Vinde, Monsieur, entre os vossos vassallos do nosso Rei, dar-lhes hum exemplo de todas as virtudes: vinde receber os mais notaveis testemunhos do nosso amor, do nosso affecto e profundo respeito. „

Falla do Arcebispo de Bordeaux ao Duque de Anjou.

Senhôr, — Afflicto por hum longa serie de annos com calamidades de todo o genero, havemos gemido sobre as vossas misérias; e em quanto as nossas orações supplicavam os termos d'ellas, eramos incessantemente agitados por esperanças e receios, que alternadamente prevaleciam.

A estas magoadas emoções pôz silencio a presença de Vossa Alteza Real. Nós seremos felices! Em nome do meu Clero e do povo da minha diocese, thimo a confiança de rogar a V. A. R. que appresente a S. M. o sincero protesto de que nos seus dominios não se acharão vassallos, mais feis, nem mais constantes.

PROCLAMAÇÃO.

Aos Governadores, Generaes, Commandantes, Officiaes, Soldados, e habitantes de Cambray.

Bravos Francezes! — A sorte mais gloriosa se abre ante vossos olhos; o vosso Rei vos concede a reconhecê-lo e recebê-lo e sede os primeiros neste quartel de França a proclama-lo.

Sem dúbida vós sabeis que Bearn e Languedoc teta reconhecido tua autoridade; que Sua Alteza Real o Duque de Angoulême está marchando sobre Provence, Lyon, Linsges, e Bordeaux, onde todos os corações se lhe abrem.

Sem dúbida sabeis tambem que Monjeur, irmão d'ElRei sahio para o quartel general dos exercitos alliados.

Seguramente vós já não sois enganados pelas

mentiras, que todos os dias se accumulão no Monitor. Quantas victorias não vos tem elle anunciado de Moskow até Paris? E a perda de milhares de pessoas, 4000 Francezes prisioneiros, 3000 mil dos vossos filhos mortos, ou cabando de tria, o fume entre Beresnya e o Rheno, a perda de vossos theouros, hum torço da França conquistado, Paris em perigo de o ser; teta são os resultados das chamadas victorias do Monitor.

Qual de vós não terá dito hum cento de vezes que os boletins estão somente cheios de falsidades e ridiculas exagerações? que todos os jornaes são meros instrumentos nas mãos da policia, e do governo para enganar-vos? Se isto haveis dito, se o haveis repetido, e ainda o julgaes assim, por que cegueira continuareis ainda a mostrar que dais credito a aquellas reiteradas mentiras? Deixai de temer hum tyranno, cujo nome já vos atterra; e o mando se livrará d'elle. Ah! 3000 soldados de todas as Nações, cuja vingança elle só desafia, estão no vosso territorio, ou promptos a entrar nelle. Milhares de Francezes perecem duramente, e para que? Para defenderem hum tyranno, que elles detestão, porque elle tem a habilidade de prendê-los de que as Potências Alliadas vierão com intenção de resgatar a França, em quanto para livra-la, ó Francezes, vêm agora o vosso Rei em vosso soccorro. Elle voltará como hum pai entre seus filhos, e não como inimigo; elle voltará a vós debravo da salva guarda do vosso amor, e da sua constança, sem hum só soldado estrangeiro.

Elle só quer, elle só póde atallar as formidaveis cohortes promptas a cubrir sobre vós. Onde quer que o seu nome for proclamado, os miadores, serão protegidos, os inimigos de Bonaparte são os amigos dos Bourbons, os protectores da especie humana.

A honra Franceza nunca vio a esta se modo,

nem nós maiores perigos; mas com os corações verdadeiramente Francezes, nunca a honra consistirá em defender hum Coroa, vosso algoz; e em engastar vosso legitimo Soberano, o descendente de hy Reis.

Habitantes de Cambry, seja feliz e glorioso o vosso futuro destino! Nos vossos corações, na vossa geral opinião he que Luiz XVIII dezeja estabelecer o seu governo; elle he o melhor, mais intelligente, mais indulgente dos homens; o mais temo dos pais, que dezeja voltar para o centro de seus filhos.

Enquanto elle não chegar, vossas portas ficarão fechadas. Os vossos arredores serão respaldados pelas tropas estrangeiras. A presença do vosso Rei eis heve ser para vos o sinal de felicidade; o dia da paz com Deus e com os homens.

O Marquez de Chabannes.

Proclamação da parte do Rei.

O Marquez de Chabannes, primeiro Ajudante do Campo do Rei, munido de plenos poderes nas provincias do Norte.

Francezes! he chegado o momento da vossa liberdade: o vosso Rei, acompanhado pela filha de Luiz XVI, e seguido pelo Principe de Condé, e o Pai do Duque de Enghien, está proximo a apparecer entre vos; Monsieur, o irmão de Luiz XVIII, e seus illustres filhos, já o precederão a East, ao Sul, e a Oest da França; elles fazem conhecer as vistas paternicas do vosso Rei, e vos affiançam em seu nome a restituição da felicidade e da paz, de haixo de hum governo, que será o protector das leis, e da publica liberdade.

O grito de Viva ElRei, não caro a vossos antepassados, se levanta de toda a parte, e ressoa em todos os corações! A batidinha branca fluctua sobre as vossas Cidades. Ella mostra aos habitantes que voltou a ordem, o Commercio, a segurança das familias, e a união dos Francezes.

Não teremos mais que temer a guerra, a conscripção, os odiosos gravames de direitos consolidados; tudo, que causa a miseria da nação, cessará com a existencia do Tyranno.

O Rei segurará as guardas Imperizes, e a todos os Generaes, Officiaes subalternos, e soldados, que se unirem a esta causa, a posse do seu posto, soldo, e emolumentos; e a todos os magistrados, sejam administrativos ou judiciaes, que se declararem por elle, a posse dos seus postos; premiará honrosamente aquelles que lhe prestarem serviço. A Religião será restituída ao seu lustro, a propriedade a segurança, que lhe he devida. Nada perturbará a unanimidade, que deve unir os Francezes; e o Rei, juntamente com sua familia, dando o exemplo dos sacrificios, combinará os direitos e vantagens de todos em reciproca harmonia.

Francezes! Tal he a contra-revolução, que se deve effectuar para vosso bem, e para tranquillidade do mundo. Toda a Europa zelá a restauração de legitimos Soberanos; serão vós a unica nação, que quereá viver de haixo da mais vil tyrannia: Viva o Rei!

Bravos Flamengos, homens do Artois e Picardia, recebei a expressão daquelle respeito, da que está penetrado aquelle, que tem a felicidade de trazer-vos hoje a vontade e as vistas do Rei.

O Marquez de Chabannes.

lugar delles aquellas pessoas que parecerem mais aptas para effectuar as vistas paternaes do Rei.

14. O Rei ordena que os Francezes recebam as tropas dos illustres libertadores da tyrannia, com hospitalidade e attenção; e ainda que as ordens mais estricidas e a mais rigorosa disciplina não possa ser capazes de prevenir algumas desordens, ao menos com tudo estas serão as ultimas desgraças, que o tyranno nos ha de causar; e a paz debaixo do reino dos Bourbons, e do mais intelligente e benévolo dos Reis, restituirá a felicidade á desgraçada França.

O Marquez de Chabannes.

Constituição da Hollenda. Haya 3 de Março de 1814.

Nos Guilherme, por Graça de Deos, Príncipe de Orange Nassau, Príncipe Soberano dos Paizes Baixos Unidos, &c.

Aos que as presentes virem, saude.

Chamados á Soberania destes Estados pela vossa confiança, e lealdade, havemos declarado desde o principio que nos encarregavamos della debaixo da garantia de huma sábia Constituição, que pozesse a vossa liberdade a coberto de todos os abusos possíveis, e nunca depois deixamos de sentir a sua necessidade.

Portanto reputamos por hum dos primeiros e mais sagrados dos nossos deveres reunir homens de consideração, e encarregar-lhos do importante empenho de dirigir hum código fundamental, fundado em vossos costumes, e em vossos habitos, e accommodado ás necessidades dos tempos actuaes.

Depois de hum maduro exame desta obra, lhe

havemos dado a nossa approvação. Porém esta não satisfaz ao nosso coração. Ella interessa a todos os Paizes Baixos. Toda o povo Hollandez deve reconhecer-se nesta importante obra. Este povo deve receber a mais forte segurança de que nella se protegem sufficientemente os seus caros interesses; que a religião, fonte de todo o bem, he nella honrada e mantida, e a liberdade religiosa despendida de todo o interesse temporal, mas segura da maneira mais ampla; que a educação da mocidade e a propagação das sciencias serão desveladas pelo Governo, e isentas de todas essas regras vexativas, que oprimem o genio, e enervão o espirito; que a liberdade pessoal não será já hum nome vão, nem dependerá mais de huma policia desconfiada e alheia; que huma administração imparcial da justiça, guiada por principios fixos, segurarà a cada hum a sua propriedade, que o commercio, a agricultura e as manufacturas não serão alijenadas, mas terão plena carreira, como preciasas fontes da prosperidade publica e individual; que em consequencia não se porá mais restricção alguma á economia domestica das classes mais altas e mais baixas do Estado, mas se conformarão as leis geraes, e ao governo geral; que a acção do governo geral não será paralisada por zelo demasiado pelos interesses locais, mas ao contrario receberá maior impulso; que as leis geraes, por meio do concerto harmonioso dos dois principaes ramos do Governo, serão fundadas sobre os verdadeiros interesses do Estado; que as finanças e os exercitos da nação, que formão as principaes columnas do edificio politico, serão estabelecidos sobre este ponto central, onde se fixará firmemente o maior e mais precioso privilegio de todo o povo livre, — a sua Independencia. Qual de vós pôde duvidar duma verdade, depois da terrivel experiencia, que tivemos de huma tyrannia estrangeira, que não reconhecia direito algum,

quando precisavá de meios para se sustentar pela violência; e depois de ter gemido, nestes últimos annos, debaixo do jugo mais oppressivo, que já náo tem sido imposto depois do tempo dos Hespanhoes?

Agora, ao menos vós conheceis todo o valor desses preciosos direitos, pelos quaes nossos pais sacrificáo os seus bens e o seu sangue; d'essa felicidade, que legarão á seus descendentes, e que as desgraças dos tempos nos roubaram.

Astím, animados por seu exemplo, he do nosso dever, á imitação daquelles de quem trazemos o nome, e de qual honramos a memoria, restituir o que está perdido; cumprir a vós ajudar-nos com todos os vossos esforços, para que com a benção da Divina Providencia, que nos chama a este empenho, possamos deixar á nossos filhos a nossa amada patria inteiramente reconquistada e regenerada.

Para poder julgar se o Codigo constitucional assim recopilado pôde satisfazer ao grande objecto acima indicado, havemos julgado conveniente sujeitar o dito Codigo, para hum exame mais serio, á huma numerosa assemblea das pessoas mais consideraveis e melhor qualificadas d'entre vós.

Para este effeito nomeámos huma Commissão particular; a qual escolherá, de huma numerosa lista, que nos foi entregue, trezentas pessoas, em huma justa proporção com os departamentos actuaes.

Honrados com a vossa confiança, ellas se ajuntarão a 98 deste mez na metropole d'Amsterdam, para deliberarem sobre este importante negocio.

Ellas receberão tambem, com as cartas de convocação, o projecto de constituição, a fim de poderem formar a sua opinião com madureza, e na bonança da reflexão; e para este effeito se mandará de antemão huma copia a cada membro. E como he de mais alta importancia que aquelles membros possuam a confiança geral, ordenamos que seja publicada huma lista das pessoas escolhidas para

cada departamento, e que todos os habitantes, que são donos de casa, tenham a facilidade, pondo a sua assignatura com alguma addição ou sem ella, em hum registro, que estará aberto por oito dias em cada cantão, de desaprovarem aquellas pessoas, que não julgarem qualificadas.

Nenhum habitante he privado deste direito á excepção dos domesticos, criados, fallidos, e pessoas em estado de minoridade, ou de accusação.

Quando nos constar, pelo exame dos registros que á maior parte está satisfeita das pessoas, sujeitas desta maneira á sua escolha, nós os consideraremos com representantes de todo o povo Hollander, ajunta-los-hemos, appareceremos no meio delles, os saudaremos como constituindo a grande assemblea, que representa os Paizes Baixos Unidos.

Então começarão livremente seus trabalhos; e dar-se-nos-ha conta dos seus progressos por huma Junta nomeada para este effeito, e logo que a adopção do Codigo constitucional houver sido o resultado de suas deliberações, faremos as disposições necessarias para prestar o juramento, que nos prescreve a Constituição, com toda a solemnidade conveniente, no meio de huma assemblea, e para sermão illustrados em forma.

Devereis tambem estar convencidos, dignos compatriotas, que em todas estas providencias, e hein da nossa amada patria he o nosso primeiro e unico objecto; que os vossos interesses são os meos que os meus; e podem ellas mais claramente adiantar-se do que formando regulamentos constitucionaes, nos quaes se achára a garantia dos vossos direitos mais prezados? Elles nos procurarão a vantagem de exercer, segundo principios fixos, as funções e a responsabilidade do governo, com ajuda dos Cidadãos mais dignos e mais intelligentes; e elles nos segurarão a continuação dessa alicação, cujas expressões alegrão nosso coração, animão nosso valor,

alívio o nosso pezo, e ligão para sempre a nós e a nossa casa a nossa patria regenerada.

Dado em Haya, a 2 de Março de 1814, e de nosso reinado o 1.º

(Assignado) Guilherme.
Por Ordem, A. R. Falck, Secret. de Est.

R U S S I A.

A Gazeta de Petersburgo de 20 de Janeiro contem o Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Persia, que em substancia he o seguinte.

A Persia cede á Russia os Governos de Karabag, Ganshin, Schekin, Schirwan, Derbent, Kubin, Baku, Talischin, e todo o Daghestan. A Persia renuncia além disto a todas as suas pretensões á Georgia com a provincia de Scinuragel; sobre Inzeretta, Guria, Mingrelia, e Abchasia, e cede á Russia para sempre a Soberania sobre todos estes paizes. Só a bandeira Russa será admittida no mar Caspio, que a nenhuma outra potencia será permitido ter naquelle mar navios de guerra, ou mercantes.

A cerca do commercio entre as duas Potencias se fizeram as seguintes disposições. — Os vassallos Russos poderao importar os seus generos não só na Persia, mas tambem nos Reinos vizinhos; não pagarão mais de cinco por cento sobre todos os generos, que importarem na Persia, e o mesmo ficará dos que exportarem. Os Russos em materias de commercio somente serão demandados perante os Consules Russos, ou seus agentes, nas differentes Cidades da Persia.

Tratado entre a Suecia e a Dinamarca.

Kiel 14 de Janeiro.

Tratado de paz entre Sua Magestade ElRei da Suecia por huma parte, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca por outra.

Em nome da Trindade Santissima e sempre adorada:

SUA Magestade ElRei da Suecia e Sua Magestade ElRei da Dinamarca, animados de pôr fim ás calamidades da guerra, que infelizmente tem subsistido entre elles, por meio de huma paz saudavel, e recuperar a boa intelligencia entre os seus Estados; para esse fim e sobre bases que se-gurem a duração da paz, respectivamente nomearão os seguintes plenipotenciarios, a saber: Sua Magestade ElRei da Suecia ao Barão Gustavo Von Wettestedt, Chanceller de Corte, Comendador da Ordem Polaca da Estrella, Cavalleiro da Agulha Vermelha Prussiana da 1.ª Classe, Membro da Academia Sueca, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca a Mr. Edmund Von Barké, Grão Cruz da Ordem de Dannebrog, e Cavalleiro da Agulha Branca; os quaes depois de trocarem seus plenos poderes em boa e devida fórma, concordarão nos seguintes artigos: —

Art. I. D'aqui em diante haverá paz, amizade e boa intelligencia entre Sua Magestade ElRei da Suecia, e Sua Magestade ElRei da Dinamarca; as altas partes contractantes farão quanto puderem para conservar perfeita harmonia entre si, seus respectivos estados e vassallos, e evitar todas as medidas, que possam ser nocivas á paz felizmente restaurada entre elles.

II Tendo Sua Magestade EIRei da Suecia inalteravelmente determinado de maneira alguma separar os interesses dos Alliados dos seus proprios, e dezejando Sua Magestade EIRei da Dinamarca que seus vassallos gozem outra vez dos fructos da paz; e porque Sua Magestade recebeo por meio de Sua Alteza Real o Principe Herdeiro da Suecia positivas seguranças da parte das Cortes da Russia e Prussia, da sua amigavel disposiçao para tornarem aos antigos vinculos de amizade com a Corte Dinamarqueza, como existião antes de se romperem as hostilidades; de maneira que solememente se encarregão e estão resolutos da sua parte a não desprezar cousa alguma, que possa encaminhar-se a huma pronta paz entre Sua Magestade EIRei da Dinamarca, e Suas Magestades o Imperador da Russia e EIRei da Prussia: Sua Magestade EIRei da Suecia se obriga a empregar a sua Mediação com os Seus Altos Alliados, para que este saudavel objecto se consiga o mais breve possível.

III Sua Magestade EIRei da Dinamarca para dar huma prova manifesta da sua vontade de renovar as apertadas relaçoens com os Altos Alliados de Sua Magestade Sueca, e plenamente convencido que da parte delles se nutrem os mais ardentes dezejos de se restituirem a huma pronta paz, como solememente declararão antes de romperem as hostilidades, se obriga a tomar huma parte activa na causa commun contra o Imperador dos Francezes, declarar guerra á aquella Potencia, e em consequencia ajuntar hum corpo auxillar Dinamarquez no exercito do Norte da Alemanha, debaixo das ordens de Sua Alteza Real o Principe Herdeiro da Suecia; e tudo isto em conformidade e execução da convenção que se estabeleceren entre Sua Magestade EIRei da Dinamarca e Sua Magestade EIRei da Grã Bretanha e Irlanda.

IV Sua Magestade EIRei da Dinamarca por si e por seus successores renuncia para sempre e irrevogavelmente todos os seus direitos e pretenções ao Reino da Noruega, juntamente com a posse dos Bispados e Dioceses de Christiansand, Bergenhuus, Aggerhuus e Drontheim, além de Nordland e Finmarck, até as fronteiras do Imperio Russo.

Estes Bispados, Dioceses, e Provincias, que constituem o Reino da Noruega, com os seus habitantes, Cidades, Bohias, Fortalezas, Villas, e Ilhas, ao longo de toda a costa daquelle Reino, juntamente em suas dependencias (excepto Greenland, as Ilhas Ferroe, e a Islandia); bem como todos os privilegios, direitos, e emolumentos a elles pertencentes, pertencerão, como plena e soberana propriedade, a EIRei da Suecia, e irão parte do seu Reino Unido. Para esse fim S. M. EIRei da Dinamarca se obriga da maneira mais solemne, tanto por si como por seus successores, e por todo o Reino, daqui em diante a não fazer reclamação, directa, ou indirecta, sobre o Reino da Noruega, ou seus Bispados, Dioceses, Ilhas, ou outro algum territorio a elle pertencente. Todas os habitantes, em virtude desta renuncia, são dispensados do juramento, que prestarão ao Rei, e á Coroa da Noruega.

V. Sua Magestade EIRei da Suecia se obriga por outra parte da maneira mais solemne, a fazer que os habitantes do Reino da Noruega, e suas dependencias, gozem para o futuro de todas as leis, franquizas, direitos, e privilegios, que até agora havido subsistido.

VI. Como toda a divida da Monarquia Dinamarqueza he contrahida tanto sobre a Noruega, como sobre as outras partes do Reino, por isso Sua Magestade EIRei da Suecia se obriga, como Soberano da Noruega a ser responsavel por huma parte daquella divida, proporcionada á população e

rendas da Noruega. Deve entender-se por dívida publica aquella, que foi contrahida pelo Governo Dinamarquez, tanto dentro como fóra do paiz. A ultima consiste em obrigaçoens Reaes e do Estado, bilhetes de banco, e papel moeda anteriormente expedido debaixo da authoridade Real, que hoje circula em ambos os Reinos.

Commissarios nomeados por ambas as Coroas para este fim tomarão huma exacta conta desta dívida, e a calcularão sobre huma justa divisão da população e rendas dos Reinos da Noruega e da Dinamarca. Estes Commissarios se ajuntarão em Copenhagen, dentro de hum mez depois da troca da ratificação deste Tratado, e concluirão este negocio o mais breve possível, e ao menos antes de acabar o anno; bem entendido porém que ElRei da Suecia, como Soberano da Noruega, não será responsavel por outra parte da dívida contrahida pela Dinamarca, senão daquella, a que a Noruega era obrigada antes da sua separação.

VII. Sua Magestade ElRei da Suecia por si e seus successores renuncia irrevogavelmente, e para sempre, a bem de ElRei da Suecia, todos os direitos e pertenças ao Ducado da Pomerania Sueca, e ao Principado da Ilha de Rugen.

Estas Provincias, com todos os seus habitantes, Cidades, Portos, Fortalezas, Villas, e Ilhas, e todas as suas dependencias, privilegios, direitos e emolumentos, pertencerão em plena soberania á Coroa da Dinamarca, e serão incorporados com este Reino.

Para este fim Sua Magestade ElRei da Suecia se obriga, da maneira mais solenne, tanto por si como por seus successores, e por todo o reino da Suecia, a nunca fazer alguma reclamação, directa ou indirecta, a cerca das ditas Provincias, Ilhas, e territorios; por tanto em consequencia desta renuncia os habitantes fôrão dispensados do juramento, que prestarão a ElRei e á Coroa da Suecia.

VIII. Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga simultaneamente a segurar aos habitantes da Pomerania Sueca as Ilhas de Rugen, e suas dependencias, suas leis, direitos, franquizas e privilegios, quees actualmente existtem, e se contém nos actos dos annos de 1810 e 1811.

Como nunca o papel moeda Sueco correu na Pomerania Sueca, por isto Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a não fazer alteração a este respeito, sem o conhecimento e consento dos Estados da Provincia.

IX. Havendo-se Sua Magestade ElRei da Suecia, pelo VI Artigo do Tratado de Alliança, ajustado em Stockolm a 3 de Março de 1813, com Sua Magestade ElRei da Gran Bretanha e Irlanda, obrigado a abrir o porto do Stralsund, pelo periodo de vinte annos, contados da data da troca da ratificação do tratado, como hum *entreposto* para todas as produçoens colonias, mercaderias, e manufacturas, trazidas da Inglaterra e suas Colonias, em navios Suecos ou Ingleses, pagando hum por cento *ad valorem* sobre as fazendas deste modo introduzidas, e hum igual direito na saída; Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a cumprir esta convenção existente, e a renovar-la no Tratado com a Gran Bretanha.

X. A dívida publica, contrahida pela Camera Real da Pomerania, fica a encargo do Rei da Dinamarca, como Soberano do Ducado da Pomerania, que toma sobre si as convençoens ajustadas para a redução da dita dívida.

XI. ElRei da Dinamarca reconhece as doaçõens, que ElRei da Suecia tem concedido sobre os dominios e rendas da Pomerania Sueca, e da Ilha de Rugen, e que importarão annualmente na somma de 432 rixdollar Pomeranos; igualmente se obriga Sua Magestade a manter os donatarios em plena e inalteravel posse dos seus direitos e

randas, de maneira que possam receber, vender, ou traspassar os mesmos, e que tudo seja pago sem algum embarço, ou sem direitos e custas, de qual-quer denominação que sejam.

XII. Suas Magestades ElRei da Suecia e ElRei da Dinamarca mutuamente se obrigão a nunca desviar do seu original destino os dinheiros apropriados a objectos de beneficencia, ou de publica utilidade, no Reino da Noruega, e no Ducado da Pomerania Sueca, com as suas respectivas dependencias.

ElRei da Suecia, em conformidade desta mesma convenção, se obriga a sustentar a Universidade da Noruega, e ElRei da Dinamarca a de Greiswald.

O pagamento de todos os officios publicos, tanto na Noruega como na Pomerania, ficarão a cargo da Potencia adquiridora, contando do dia em que tomar posse.

Os pensionarios receberão as pensoens, que lhes estiverem assignadas pelo precedente Governo, sem interrupção ou alteração.

XIII. Querendo ElRei da Suecia, quanto for praticavel, e depender d'elle, que o Rei da Dinamarca receba compensação pela renuncia do reino da Noruega, do que Sua Magestade deu prova satisfactoria na cessão da Pomerania Sueca e da Ilha de Rugen, empregará igualmente Sua Magestade todos os seus esforços com as Potencias Alliadas, para que seguem em addição, a paz geral, hum pleno equivalente para a Dinamarca pela cessão da Noruega.

XIV. Immediatamente depois de assignado o presente Tratado, mandar-se-há huma participação do mesmo, com a possível brevidade, aos Generaes e exercitos, para que cessem inteiramente as hostilidades por ambas as partes, tanto por mar como por terra.

XV. As Altas Partes contractantes se obrigão a que cessem immediatamente depois da assignatura do presente Tratado todas as contribuições e requisições de qualquer genero e denominação, de maneira que não tenham vigor ainda mesmo aquelles que houverem já sido ordenadas. Convém igualmente que todos os bens, que fôrão sequestrados pelo exercito do Norte da Allemanha, se restituão aos seus proprietarios. Exceptuão-se os navios e cargas pertencentes aos vassallos de ElRei da Suecia e Seus Alliados, que houverem sido levados para os postos dos Ducados de Sleswick e Holstein; estes ficarão nos seus presentes proprietarios, que disporão d'alles como quizerem.

(Este artigo dispõem tambem o modo, com que as tropas alliadas hão de despejar as praças de Holstein e Sleswick, de que estavão de posse.)

Immediatamente depois de assignado o presente tratado, as tropas Suecas entrarão na Noruega, para tomar posse de todas as suas praças fortes. Sua Magestade ElRei da Dinamarca se obriga a dar as ordens necessarias para este effeito.

As tropas Suecas entrarão a Pomerania Sueca, e a Ilha de Rugen as tropas ElRei da Dinamarca, logo que as tropas Suecas houverem tomado posse das fortalezas de Friedrichsbald, Koenigswinger, Frederickstadt e Angerhaus.

Lê-se em hum periódico Ingles a seguinte narração
debaixo do titulo de *Príncipe da Coza*
de Bourbon.

SE ha algum periodo, em que esta desgraçada familia tem menos que nunca merecido a nota de falta de caracter activo e de energia, he certamente neste momento em que *Monsieur*, e o Duque de Angouleme, estão presentes em França em dois differentes cantoes, e quando o Duque de Berry está á mão, na costa oriental, e esperando somente as armas necessarias para desembarcar com probabilidade de bom exito.

Luiz XVIII, o Principe de Condé, e o Duque de Bourbon, seguirão tambem para alli logo que a bandeira branca estiver desenrolada nas provincias, protegida por humra força Francaza Realista, armada e organizada.

Causas politicas, de que elles não podião dispor, forão a só causa, que os deteve aqui até esta hora.

He de sobre por agora. Durante os ultimos 26 annos da sua cruel revolução, no meio de tantos acontecimentos importantes, mais estrondosos do que os acontecimentos ordinarios de seculos, não he para admirar que os homens se esqueção, ou ignorem, o que estes infelizes Principes fizeram pela causa Real, sem se deixarem soçobrar hum momento pelas infinitas malignas circumstancias e obstaculos, que tem encontrado; e portanto poderão julgar proveitoso nestas vistas, corrigir humra errada opinião, e dar humra idéa do honroso comportamento, que elles tem mostrado desde a sua partida da França; e fim de que os habitantes bem intencionados daquelle paiz opprimido, assim como outras nações, formem hum juizo justo, e lhes prestem aquella geral estimação, que elles merecem tão bem.

Quando os Príncipez da Casa de Bourbon acima nomeados conhecerão que não tinham forças para resistir á torrente da revolução, que ameaçava as vidas do Rei Luiz XVI, e de toda a sua familia, e que a sua presença não podia salvar; resolverão retirar-se da França; e dos fins de 1793 até aos principios do anno seguinte, deixario sua patria, e dirigirão-se á Corte de ElRei de Sardenha, cunhado de Luiz XVIII e de *Monsieur*, para alli procurar hum amparo contra huma insurreição protizada por humra falsa idéa de liberdade, e que ameaçava tambem o resto da Europa.

Elles implorão a protecção de todas as estas coroas, a favor de seu desgraçado irmão; e em consequencia do Tratado concluso por alguns delles em Pilnitz, em 1791, allegarão consideraveis soccorros da Austria e da Prussia, que se unirão em Coblenz em 1792, debaixo das ordens do Duque de Brunswick, commandante das forças alliadas. Toda a nobreza de França se alistou debaixo da bandeira branca — Francces de todas as classes correrão a ella do interior de França; e galados pelos seus principios, penetrão até muito perto de Chalons, cuas os exercitos alliados, debaixo do commando do Duque de Brunswick, quão este foi induzido por Dumortier, que então commandava a força Francaza, a retirar-se para as fronteiras da França, affirmando o General Francces que o Municipalidade de Paris o havia informado que as viltas de Luiz XVI e de sua familia se poderião poupar, se elle consentisse em retirar-se. Sua Alteza Serenissima por humanidade, conveio na proposta, ainda que contra a opinião de hum Conselho de Guerra, no qual o maior numero se lhe oppoz; entre os quaes era o Marechal de Castries, encarregado de plenos poderes de Luiz XVI e Luiz XVIII, e que sabia que a proposta era hum esratagemia; mas nada pôde estorvar a retirada, que foi orde-

nada immediatamente, e a perda da parte dos exercitos alliados foi immensa. Daqui se seguiu a demora de todo o genero, e as invasões de Flamandês e Allemanha. Os Príncipe de Bourbon não tinham remedio senão seguir a retirada dos Alliados; e não querendo intrometer-se, quando não erão já respeitados, buscarão asylo em Ham, na Westphalia. Monsieur, esperando que no Brabant os Alliados podessem outra vez obrar pela offensiva; foi unir-se-lhes; mas frustradas as suas esperanças, voltou, e então resolveu ir para Petersburg, e sollicitar a Imperatriz Catharina a ajudar Luiz XVI a recuperar o throno. Alli foi recebido com a maior benignidade, e se lhe fizeram as promessas mais honrosas; mas não querendo fazer pessoalmente facilidades, temendo comprometter seu irmão, se decidiu que o Príncipe de Condé, seu filho, e seu neto (o Duque d'Enguien), á frente de 12 ou 15 mil Francos Realistas, fidalgos e soldados servissem debaixo das ordens da Austria, segundo as circumstancias.

Os Duques de Angoulême e Berry, que haviam acabado a sua educação, se lhes ajuntarão, e sempre na guarda avançada com os Duques de Bourbon e Enguien se distinguirão grandemente por seu valor em vinte diversas acções, ganhando a geral estimação, tanto dos Alliados como até dos proprios inimigos. O Duque de Bourbon, gravemente ferido no ataque do inimigo, foi obrigado a refugiar-se em Inglaterra (a cujo soldo estava então o exercito de seu Pai) até se restabelecer.

Apenas elle chegou, que a situação dos negocios em La Vendée chamando a sua presença, elle estava a ponto de partir com Monsieur para aquelle paiz, quando a fatal derrota em Quiberon poz fim ás suas esperanças.

Neste tempo Luiz XVIII tinha sido reconhecido pela Imperatriz Catharina, que lhe enviou o

Conde Romanzoff, em Ham; e depois a Inglaterra, cujo governo estava então debaixo da administração de Mr. Pitt, deu ordens a Lord Maccartney, para ir, como embaixador a Verona, onde então estava Luiz XVIII, e que pensou que nada podia fazer melhor do que seguir os seus pareceres, que não bem concordarão com os seus desejos, e caminhou para o exercito do Príncipe de Condé, então em Brisgau, sobre o Rhenos; mas logo que o Imperador da Austria soube que elle alli estava, as vistas politicas do seu Gabinete differindo das do Rei Francez, que intentava conservar a integridade da antiga França, mandou successivamente tres ordens peremptorios ao Marechal Wurmer, para que fizesse civilmente retirar a Luiz XVIII, e se este recusasse, podesse na retaguarda o exercito do Príncipe de Condé, e em summa empregar a força, se necessario fosse. Luiz XVIII, não podendo resistir a esta ordem positiva, e não querendo privar a nobreza Franceza da sorte ou possibilidade de entrar em França, e restabelecer-se, preferio o seu sacrificio pessoal, e retirou-se sem saber, onde havia de achar refugio. Toda a Allemanha estava então escrava de Bonaparte. Nenhum dos seus Príncipes lhe permitiria ficar nos seus dominios, temendo comprometter-se. Na sua viagem, tendo huma noite descançado em Dillingen, perto de Donawerth, estando á janella para tomar ar, foi ferido na cabeça por huma balla de musquete, atirada por hum Italiano, pago para este fim por Napoleão. O Maire da Cidade, temendo algum tumulto entre o povo, não só deixou escapar e atastimado, mas pediu ao Rei que não se demorasse 24 horas na Cidade; desta maneira Sua Magestade, não obstante o perigoso estado, em que estava pela sua ferida, foi obrigado a sair sem saber onde havia de encontrar descanço. Felizmente o Marechal de Castries conseguiu, ainda que com muita

dificuldade, licença do seu amigo o Duque de Brunswick, para elle ficar em Blankenberg, e dali logo depois se refugiou em Varsovia, depois em Culland, e finalmente em Mittau, onde o Imperador Paulo consentio em recebe-lo, em quanto alli presistiu recbeben de hum Ministro Prussiano, subornado por Bonaparte, a proposta de renunciar a coroa da França por huma indemnidade. Sua Magestade engeitou huma tal proposta com o despreso, que ella merecia. Quando se effectuou o tratado de Tilsit, sabendo positivamente que a sua vida estava em perigo, embarcou sem hesitar com a sua familia para a Inglaterra, onde foi recebido com a maior hospitalidade, e com huma attenção e civilidade, que elle não havia encontrado em outra parte.

Durante este tempo a Inglaterra, querendo ajudar os Realistas, que appareçião outra vez ao Oeste da França, permittio que Monsieur embarcasse, e que o Duque de Angouleme o acompanhasse. Sir J. B. Warren, com huma pequena esquadra, o desembarcou em Noirmontiers, e na Isle de Dieu, da qual tomáão posse; mas Bonaparte, havendo suffocado aquelles disturbios, anniquilou-se todá a esperança, e Monsieur, depois de estar embarcado tres ou ou quatro mezes, foi obrigado a voltar a Inglaterra, e logo depois do Tratado de Amiens se retirou para a Escocia. Renovando-se outra vez a guerra, tornou para Londres, e naquelle estado de cousas só podia esperar alguma favoravel mudança de circumstancias que occorresse. Elle, bem como todos os Principes da Casa de Bourbon, nunca deixáão de propor a cada potencia, e a seus gabinetes, que os deixassem actuar. O Duque de Angouleme sahio de motu proprio para Hespanha, com tenção de passar dali para a França; mas parou em Falmouth. Sem duvida motivos politicos o embarçáão de proseguir.

Quando a Alemanha começou a sacudir o ju-

go do Corso, Monsieur embarcou para o Continente. Elle não pôde desembarcar, porque os Franceses havião toniado posse de Hamburgo, e tornou a embarcar em Helligoland, passando o Báltico para Sivaluod; mas os alliados, havendo assignado hum armistício, não lhe permittrão ficar alli, e foi obrigado a voltar para Londres. Agora finalmente conseguiu entrar na França, onde foi recebido com as aclamaçoens do povo, nas diferentes provincias, porque passou, como igualmente o Duque de Angouleme no Sul, onde pela bizarras da tropas Inglezas, e habilidade do seu General, as exercitos revolucionarios forão derrotados em Boricaux, huma das mais populosas Cidades da França, saudor os Inglezes como libertadores; levantando os moraladores com o maior fervor o topa branco, e declarando-se por huma antiga monarchia. De todas as referidas circumstancias, que são rigorosamente verdadeiras, se pôde justamente atestar que o Rei, e todos os Principes de Bourbon, tem feito tudo quanto está ao seu alcance para restabelecer a sua familia sobre o throno de seus antepassados, sem prejuizo dos interesses da sua patria; e pelo seu procedimento tem merecido universal auxilio na grande obra da destruição do Corso, só a qual pôde regorar a paz e a seguridade da Europa.

Hum Realista amigo da verdade.

N. B. O Editor do Periódico (Beel's Weekly Messenger) não affiança a verdade dos factos allegados, e nós copiamos o presente artigo debaixo da mesma condição.

*Nova Constituição Francesa. Senado Conservador.
Extrahido do Registro do Senado Conservador
de Quinta-feira 6 de Abril.*

O Senado Conservador, deliberando sobre o plano de Constituição, que lhe apresentou o Governo Provisional, em obsequio do Decreto do Senado do 1.º do corrente: —

Depois de ouvir a informação de humo Comissario Particular de seus membros: decreta o seguinte: —

Art. 1.º O Governo Francez he monarchico e hereditario de varão em varão, na ordem da primogenitura.

2.º O povo Francez chama livremente ao throno de França Luiz Estanislan Xavier de França, irmão do ultimo Rei, e depois delle os outros membros da Casa de Bourbon, na antiga ordem.

3.º A antiga nobreza torna a tomar os seus ritos. A nova conserva os seus hereditariamente. Conserva-se a Legião de Honra e em os seus privilegios. O Rei fixará a insignia.

4.º O poder executivo pertence ao Rei.

5.º O Rei, o Senado, e o Corpo Legislativo concorrem a fazer as leis.

Podem-se propor planos de leis, tanto ho Senado, como no Corpo Legislativo.

As que dizem respeito ás contribuições se podem somente propor no Corpo Legislativo.

O Rei pôde convidar igualmente os dois Corpos para se comparem de objectos, que julgar convenientes.

He necessaria a sanction do Rei para complemento de huma lei.

6.º Haverá 150 Senadores pelo menos, e o coo quando muito.

A sua dignidade he immovel, e hereditaria de varão em varão em ordem de primogenitura. São nomeados pelo Rei.

Os presentes Senadores, com excepção daquelles que renunciarem á qualidade de cidadão Francez, são conservados, e formão parte deste numero. As actuaes riquezas do Senado e dos Senadores lhes pertencem. As rendas são igualmente divididas entre elles, e passão a seus successores. Em caso de morte de hum Senador sem posteridade varonil directa, o seu quinhão volta ao thesouro publico. Os Senadores, que forem nomeados para o futuro, não podem participar desta riqueza.

7.º Os Príncipes da Familia Real, e os Príncipes de sangue, são de direito membros do Senado.

As funcões de Senador não podem ser exercitadas por pessoas, que tenham menos de 21 annos.

8.º O Senado decide os casos, em que a discussão de objectos perante elle for publica, ou particular.

9.º Cada departamento enviará ao Corpo Legislativo o mesmo numero de Deputados, que mandava.

Os Deputados, que tinham assento no Corpo Legislativo na epoca do ultimo adiamento, continuarão até serem substituidos. Todos conservarão seus ordenados.

Para o futuro serão eleitos immediatamente pelos Corpos Electores, que são conservados, com excepção das alterações, que forem feitas por lei na sua organização.

A duração das funcões dos Deputados do Corpo Legislativo se fixa em cinco annos.

A nova Eleição terá lugar no Senado de 1826.

10.º O Corpo Legislativo se ajuntará de direito cada anno no 1.º de Outubro. O Rei pôde convocalo extraordinariamente; pôde adia-lo, pôde tambem dissolvê-lo; mas no ultimo caso deve formar-se outro Corpo Legislativo, dentro em tres mezes, e mais tardar, pelos Collegios Electores.

11.º O Corpo Legislativo tem o direito de

discussão. As Sessões são publicas, salvo em casos que elle escolher formar-se em junta geral.

12. O Senado, Corpo Legislativo, Collegio Electoral e Assembleas de Cantões elegerão seus Presidentes d'entre elles.

13. Nenhum Membro do Senado, ou Corpo Legislativo, pôde ser preso sem ordem do Corpo a que pertence.

O processo de hum Membro do Senado, ou do Corpo Legislativo, pertence exclusivamente ao Senado.

14. Os Ministros podem ser Membros ou do Senado, ou do Corpo Legislativo.

15. A igualdade da proporção nas tributos he de direito: não se pôde impor, ou receber tributo sem livre consentimento do Corpo Legislativo e do Senado. A jugada pôde só estabelecer-se por hum anno. Os fundos do anno seguinte, e as Contas do anno precedente, são apresentados annualmente ao Corpo Legislativo e ao Senado, na abertura da Sessão do Corpo Legislativo.

16. A lei fixará o modo e quantidade da receita do exercicio.

17. A independencia do poder judicial he garantida. Ninguém pôde ser removido de seus Juizes naturaes.

A instituição dos Juries he conservada, bem como a publicidade de processo em materias criminaes.

Fica abolida a pena de confiscação de bens.

O Rei tem o direito de perdoar.

18. As Cortes e Tribunaes ordinarios existentes são conservados; não se pôde diminuir, ou augmentar o seu numero, senão em virtude de huma lei. Os Juizes são vitalicios e inamovels, excepto as Justicas de Paz, e os Juizes de Commercio. As Comissões e Tribunaes extraordinarios são supprimidas, e não podem restabelecer-se.

19. A Corte de Cassação, as Cortes de Apellação, e os Tribunaes de primeira instancia,

propõem ao Rei tres candidatos para cada lugar de juiz vago no seu corpo. O Rei escolhe hum dos tres. O Rei nomeia os Primeiros Presidentes e o Ministro Publico das Cortes e Tribunaes.

20. Os militares em serviço, os officiaes e soldados a meio soldo, as viúvas e pensionarios publicos conservão seus postos, honras, e pensões.

21. A pessoa do Rei he sagrada e inviolavel. Todos os Decretos do Governo são assignados por hum Ministro. Os Ministros são responsaveis por tudo que estes decretos contém em infracção das leis, da liberdade publica e particular, e dos direitos dos Cidadãos.

22. A liberdade do culto e do consciencia he garantida. Os Ministros dos cultos são tratados e protegidos da mesma maneira.

23. A liberdade da prensa he inteira, com excepção da legal repressão de offensas, que resultem do abuso desta liberdade. As Comissões Senatorias da liberdade da prensa, e da liberdade individual são conservadas.

24. A divida publica he garantida.

As vendas dos dominios nacionaes são mantidas irrevogavelmente.

25. Nenhum Francez será perseguido por opinioens, ou votos, que houver dado.

26. Todas as pessoas tem direito de dirigir peticoens individuaes a qualquer autoridade civil.

27. Todos os Francezes são igualmente admissiveis a todos os empregos civis e militares.

28. Todas as leis ao presente existentes ficão em vigor, em quanto não forem legalmente revogadas. O Codigo das Leis civis se intitulará *Codigo Civil dos Francezes*.

29. A presente Constituição será sujeita à acceitação do povo Francez, na forma que se regular. Luiz Estranlan Xavier será aclamado Rei dos Francezes, logo que a houver assignado e ju-

rado, por hum acto que diga, *Accite a Constitução; jura cumprila, e faze-la cumprir.*

Este juramento será repetido com solemnidade, quando elle receber o juramento da fidelidade dos Franceses.

(Assignados) Príncipe de Benevento, Presidentes: Condes de Valence, e de Pastoret, Secretarios: o Principe, Archi-Thesourinro; os Condes Abrial, Barbé Marbois, Emery, Barthelemy, Buildersbuch, Bueronville, Cornet, Carbonara, Le Grand, Chasseloup, Challet, Coland, Davoust, de Gregoey, Decroix, Depate, Dembarreze, Dhuubersaert, Desart Tracy, d'Harville, d'Hedouville, Fabre (de l'Aude), Ferino, Dubois, Dubais, de Fontanes, Garat, Gregoire, Herwyn de Neville, Jaucourt, Klein, Jouan, Aubert, Lambrecht, Lanjuinais, Lejeas, Lebrun de Rochemont, Lepercier, Meerman, de Lespenasse, de Mautbadon, Lenoir Raroche, de Mailleville, Redon, Roger Ducos, Peré, Tascher, Porche de Rechebourg, de Ponte Coolant, Saur, Rigal, Schimmspeninck, Vandigelder, Von de Pol, Venturi, Vaubois, Duc de Valmy, Villetard, Vimar, Wanzayien, VanNycvelt.

Depois de estar no Prelo quasi todo este periodico, chegou a esta Corte a mais alegre noticia, que podiamos esperar. Ha tempo dissemos que estava proxima a catastrophe da sanguinaria Tragedia; de que a Europa tinha sido o theatro. Viamos desde 1805 infatuados os conselhos do Usurpador observavnos nas traicoens horrozas da Bayona, nas convençoes escandalozas de Fontainebleau, e assignaladamente no barbaro decreto de Milio, delirios de hum insensato, que atropellando as leis mais sa-

grasas, e os tratados mais solemnemente jurados, hia desahar com huma louca politica o valor, e a desesperaçao de nappens tão assignradas na Historia pelo seu heroismo, como pela sua fidelidade. Enquanto os outros povos da Europa dormião sobre os fetros, os Portuguezes e os Hespanhoes se irritavão com o teu pezo, e só procuravão despedaçal-os. A prudencia assombrava-se ao olhar para os obstaculos, mas o patriotismo lhes ensinava que não havia impossivel, que huma firme resoluçao e huma digna constancia não superem. Milhares de victimas immoladas ao furor dos Vandalos atigavão a desesperaçao zaira dos Hespanhoes, que as acenas de Madrid não podião acalmar. Que milagres não efferece enreatado o pequeno Portugal! Junot, Massenz, Marasot, Sault, e outros muitos famosos satellites do Despota, só colherão no seu terreno o opprobrio e a desesperaçao. O valor supre a disciplina, o patriotismo serve de numero, e o Busaco admira os ensaios de tropas á primeira vista bousuhas. Por ventura n esta prova se deuta a caute-la de o recibo de Massenz a este golpe conclueto o experto General com que tropas tinha de pelear. Então os seus projectos de quanto pode effictuar.

Este primeiro fructo da furia desacada de Bonaparte accordou as naçoes do Norte, que a exemplo dos Portuguezes assentavão sacrificiar todo pela liberdade. Desta fonte de gloria rebentavão os asombrosos estorpes, que postura de estragos levavão a morte a quem trezia aigemas, e morrião numa constancia, que os reversez não utilibavão.

Siltemos por estes montoes de ruinas, foxemos os olhos aos horrores de huma carnagem sem exemplo, e fita a nossa atençaõ nos gloriosos successos d' agora, esqueçamos os estragos de hontem. Que scena tão interessante! Que mudanca tão esperada! Não he já Napoleão á testa de falanges

de assassinos que entra no Coração de Allemannia; são os Allemans, que tranquillos detenção as armaz em Paris. Não vemos já amassado o throno do grande Frederico; vemos o discipulo e o cunhado daquelle guerreiro conduzir hum exercito victorioso á capital da França. Os Russos não como batem já para desafronar o seu paiz de huma irrupção barbara, do Don passarão no Sena, de Moskow a Paris, e aquelle que abolou o soño de Pedro Grande, foge espavorido para Fontainebleau; Callarei os guerreiros de Carlos XII, e todos os outros generosos Alliados, que de mãos dadas saquearão o throno do Corso, e o derribarão. A minha admiração se embebe em hum objecto sobranceiro, tão novo como illustre, e prospero em suas consequências. Todos o previnem. Hum Bourbon apparece no inicio daquella nação enganada; hum Bourbon! nome illustre que o barbaro Napoleão quiz riscar das paginas da Historia! Hum descendente de Henrique IV, trajando as nobres galas, que lhe herdará seus maiores, apparece no meio dos Francezes, e os Francezes depõem a selvage ferocidade, que lhes communicara o indigno Chefe. Derribão-se as aquilas, arvorão-se os lyozes, á tricolor bandeira succede a branca, que annuncia a todo o mundo a chegada da paz. A França toda, como unida em hum só corpo, brada de huma vez unanime. *Morra o Tyranno! Viva Luis XVIII!*

Que tropel de factos todos singulares, prodigiosos todos, se desenvolvem de pancada! A historia se hanna de transmitir á posteridade accoens, que serão apenas coidas, quando falter o enthusiasmo, que lhes deu o ser. Quem se persuadirá hum dia de huma tão subita mudança! Quem se lembrará de huma dynastia ephemera, que manchou os thronos da Europa, a despeito dos direitos mais sagrados! Quem se persuadirá que os legitimos Sobran-

nos esbulhados de suas Coroas, proscriptos, desterrados, virão em hum momento os seus antigos povos dobrarem ante elles o joelho, e acharem estroto o Coração para conter tanto jubillo! Sim eu não duvido affirmar que o Sceptismo será hum dia o juizo da posteridade, assombrosa de tantos prodigios. Tão difficil he de crer aquilo que excede a nossa expectação!

Porém seria esteril a nossa admiração, se embridagados com as vivas e aclamações das nações libertadas, não attentassemos ás vantagens, que delli se derivão. Mas como poderei em expressões todas? Dizer que a Europa constitue huma só familia, he empregar a fraze dos alliados. Que o sangue não correrá já em rios sobre terrenos estrangeiros e muitas vezes ingratos: que não vergarão as estradas com o peso da bagagem e da artilharia; que o Lavrador descongrá sobre o arado das fadigas da agricultura: que as artes tomarão a sua energia e elasterio: que as sciencias darão vãos rapidos de reino em reino, da terra ao Céo, e asoberbarão outra vez os Estados, que o Vandalismo usurpara; isto he apenas huma pequena parte das vantagens da paz. Mais transcendentes são sem duvida as prosperidades da Europa: porque não se trata só de suspender o flagello da guerra, e de apagar o faxo da discordia. Dispostos-se da face do mundo politico hum monstro, que ameaçava a todos; secou aquella fonte, que parecia inextinguivel, de calamidades, e de estragos. Não são já trezous passageiros, cimentados com as ruínas de hum Estado, e com o engrandecimento gigantesco daquelle formidavel colosso; he huma paz allereçada sobre a independencia reciproca, sobre a mutua restituição de violentas usurpações. Nesse golpe de vista se descobre hum mais vasto horizonte politico, capaz de alvoroçar o coração mais gelado do mais indifferente Cidadão. Aquelle mesmo que, forçado

de bronze para qualquer outro sentimento, salvo hum interesse grosseiro e sordido, só encara os meios de augmentar huma fortuna, que he muitas vezes seu tormento e seu verdugo, verá em novos recur- sos á sua ambição hum novo motivo de prazer.

Receiamos soltar demasiado os vãos ao nosso espirito, sim abatido e quasi desfalecido pela força dos males physicos e moraes, que o opprimem, mas que por huma energia magica, que lhe inspira o patriotismo, se sente elevado acima da sua esferá, e esquecido da esterilidade de seus sentimentos e de seus esforços. Acabariamos portanto estas inspidas reflexoens, se podersemos hum instante esquecer-nos do alvo das nossas fadigas — *a prosperidade do Brasil.*

Para de huma só vez comprehender todas as idéas, basta mencionar a Ordem de S. A. R. para que em todos os Portos dos Seus Dominios se recebam navios de todas as naçoens, e dos mesmos portos possam sair embarcaçoens para qualquer parte. Portuguezes! Já não tendes inimigos! O Oceano vos abre as portas, cortai-o com aquelle denodo, com que o assoberbastes no Seculo XVI. Os vossos generos são exportados, vendidos com vantagem! Abri a terra, e ajuntai copiosas colheitas. A lavoura, paralisada por falta de consumo, vai prosperar sem limites. Applicai a vossa industria. A vossa industria vos fará abastados. Portuguezes! Outra vez o digo. Já não tendes inimigos! A's abundosas messes de gloria vão succeder os doces prazeres da Sociedade, os copiosos fructos da abundancia! Que Scena para o meu Coração! Que consoladora Scena para hum Coração inflamado no amor da sua Patria!

Suspendamos já a nossa penna, e reservemos ao juizo do Leitor suprir idéas, que apenas delixamos entrever. Agora só nos resta enriquecermos este periodico com os maduros fructos da liberdade. O que porá termo á nossa tarefa.

LITTERATURA.

*As Benemeritas da Patria em Movimento. Por
A. da R. F. Em Villa Rica.*

O D E.

*Dignum laude Virum Musa vocat mori:
Caelo Musa beat.*

Horat. Ode 7.^a L. 4.^o

Strophe 1.^a

EU fora delinquente, indigno eu fora
De meus labios tingir na Sacra Fonte,
Se tendo sempre em braços
A branda Lyra, não cantasse hum' hora,
Em honra da Virtude, os Benefizejos
Semideozes da Patria.

Antistrophe 1.^a

He sagrado dever, que incumbe ao Vate,
Preparar aos Heroes, que a Patria illustra,
A immarcescivel palma.
Ao Vate, e só ao Vate (1), o jus foi dado
De vestir aos Mortaes, terror do Lethes,
O arnez da Eternidade.

Epoéo 1.^o

Se a tal assumpto, e tanto,
Meus fracos hombros vergão
(Pois c' o pezo do Ceo Atlantic accurva)
Tu, Virtude, me alenta.

(100)

Strophe 2.^a

Fernando, (2) Almeida, (3) e tu, Noronha (4) egregios!
Mascarenhas preclaro (5)! O' nomes dignos
Do Vate, que no Tibre
Alçou a voz Divina! Dignos Nomes
Da Lyra, a cujo som Ceos, Astros trepa
O magestozo Elpino!

Antistrophe 2.^a

Sempre affaveis, benignos, sempre ternos
Ao queixume do Pobre, aos ais do Oppresso,
Hum padrão Vos erguestes (6)
Mais perennal que o bronze: a Patria o zela,
Guarda-o Virtude, e Fama não fallace
Nos hombros o levanta.

Epodo 2.^o

Hum nunca ouvido canto
A minha Clío anheia,
Com que vos louve d'arte, que ao de Cesar (7)
Mais claros Astros junte.

Strophe 3.^a

Voemos, minha Musa, ah, sim voemos
Onde vivem perenne gloriosos
Os Immortaes da terra.
Aos briozos Ethontes bate as redens,
E pelos longes campos da Memoria
Levemos della os dignos.

(101)

Antistrophe 3.^a

Meus olhos já descobrem guardado
De Palmas, e Leureiros bronzeo Templo
Nas nuvens esteiado
Povo de Herócs, que em paz, ou dura guerra
Façanhozos a Patria allumiaão,
Alli dominá os Evos.

Epodo 3.^o

Eis vejo . . . Mas quem vejo,
Que ao Rei o throno escora,
E á saúde da Patria arrima os hombros!
Tu es, Nuno (8) invencibil.

Strophe 4.^a

Tu, que no claustro o morrião empoado
Pela Patria outra vez cinges, que he cauta
De Deus, da Patria a causa.
e com quanta palma ao grão Pacheco, (9)
E ao fragueiro Albuquerque (10) arceia o Indo
As fronte triumphozas!

Antistrophe 4.^a

Qual o Grego (11) terribil, que a victoria
Ao grão Medo encarenta, espavorido (12)
O tumido Hellesponto;
Ou qual da Patria Pai, Camillo ouzado,
Que ao Gallo, que oiro exige, o ferro objecta, (13)
Alli, Silveira, (14) assomas.

Epodo 4.º

E quem, ah! quem he este
 Que a empenhos da perfidia
 D'entre o espesso arvoredo de seus Louros
 Vê brotar o Cipreste! (15)

Strophe 5.ª

Mas tu recuas, Musa, ao triste aspecto,
 E o Ceo de Marte tamarozza deixas!

Onda, onde me robes?
 Mais alto voas! Não, ah! não sejamos
 Icaros atrevidos, que renoms
 A's patrias ondas demos.

Antistrophe 5.ª

E que alcaçar (ó Ceos!) ante meus olhos,
 De roseas nuvens torreado assoma
 Sobre argentados muros!
 As portas de Diamante o dia affrontão;
 O Rubi, a Esmeralda, o Oiro assoalhão
 O penetral sagrado.

Epodo 5.º

He este, ah! sim he este
 O Ceo d'alta Minerva: (16)
 Aqui os Sabios, e os que ao Sabio honrarão,
 Eternizados vivem.

Strophe 6.ª

Entre o Meonio Cines, e o Mantuano,
 Eis cinge o Luso a immarcescível heria;
 Que arceia as sabias fronteas
 D'Ípoco suave, o Luso Anacreonte,
 Dos mirtos, e das rozas, que o coroaõ,
 Coroa seus Amores.

Antistrophe 6.ª

Ao frugal Hollandez assombro, e ao Tibre,
 A Lusitania esmalte, o grão Vieira (17)
 Balda a sanha dos Evos.
 Colosso d'honra, que asoberba os bronzes,
 Tens na eterna memoria dos Vindouros,
 Macedo (18) sobrehumão.

Epodo 6.º

Porém aqui Mecenas!
 Aqui Luiz (19), e Augusto!
 Outra vez Alexandre! O quanto as Letras,
 Quanto os Engenheis prestão!

Strophe 7.ª

Claro lugar, e honroza alli Te aguarda,
 De Colbert (20), e dos Medicis ao lado,
 Almeida esclarecido.
 Alli por torres cem, Fernando egregio,
 Penhoradas o Rei, e a Patria, te alção
 Teus publicos esmeros.

Antistrophe 7.^a

Alli de Nectar te prepara o copo
 Louça Prole de Jove, & dos Engenhos
 Honrador, Mascarenhas,
 Não longe, a Patris diz, não longe, a Fama,
 Que surca séde Te cabe além dos Orbes,
 Douto, affavel Noronha.

Epodo 7.^o

Alli, alli hum' hora,
 Ao Faão, e ás Musas caros,
 Que a fouce ruda aos pés vem submeter-vos,
 Vereis o o Tempo, e a Morte.

Strophe 8.^a

Então a Terra indiciando ao longe,
 A Terra, que hum Oiteiro alli se antolha,
 Dos Reis o ser, e o nome
 No ar vereis esvaír-se; e esboroadas
 As Choupanas, e os Tronos, só o Sabio,
 Só existir o Justo.

Antistrophe 8.^a

Qual ante o dia a nevoa se desata,
 Ás grandezas vereis delir-se, e as honras:
 Mas como existe ainda
 Parte de Nós! (dizeis de assombro cheios):
 Ah! Certo existireis; não morre todo
 Da Humanidade o Amigo.

Epodo 8.^o

Quando já na garganta
 Do Tempo, os bronzes forera,
 De hum Taillit (21), de hum Henrique (22), de
 hum Rei Homem (23)
 Será viva a memoria.

Strophe 9.^a

Talvez profana plebe, que os caminhos
 Presume de aventar, porque seu logo
 Ao Vate o Nume inspira
 Audaz vozê que, á Verdade errando,
 Co' a fementida côr da vil lizonja
 Esmalto a minha Lyra.

Antistrophe 9.^a

Mas vós, de Jove Filhas, que os mysterios
 Do sacro Monte aos olhos deslambrazos
 Vedes do vulgo insano,
 Vós me sois testemunhas, que se ouzado
 Rejo o esquadrão brilhante de meus hymnos,
 He meu pendão verdade.

Epodo 9.^o

Vós sim, que me dictastes
 Que he só do templo d' Honra
 Digno o Mortal, a quem o timbre adorna
 De proprios aureos feitos. (24)

NOTAS.

(1) Muito antes de mim o disse Horácio na Ode 2.^a do L. 4.^o a Lolho:

Vivere fortes ante Agamemnona
Multi; sed omnes illichrymabiles
Urgentur, ignotique longa
Nocte, carent quia Vate sacro. ,,

E trás de Horácio Mr. Boileau na Epistola 1.^a ao Rei, v. 169:

„ Non, à quelque hauts faits que ton destin
t'appelle,
„ Sans le secours soigneux d'une Muse fidelle,
„ Pour t'immortaliser tu fais de vains efforts. ,,

(2) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Fernando José de Portugal, Marquez de Aguiar, do Conselho de Estado, Ministro Assistente ao Despacho do Gabinete, Presidente do Real Erario, e nelle Lugar Tenente immediato á Real Pessoa &c.

(3) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. João de Almeida de Mello de Castro, Conde das Galveias, do Conselho de Estado, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e do Ultramar, Grão Cruz Honorario da Ordem da Torre Espada &c.

(4) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Marcos de Noronha de Brito, Conde dos Arcos, Gentil Homem da Camara do Serenissimo Senhor Principe da Esra, Grão Cruz da Ordem de Avis &c.

(5) O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco de Assiz Mascarenhas, Conde de Palma, do Conselho da Fazenda, Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes &c.

(6) Nenhuma virtude ha certo, que mais chegue o Homem a Deus, que a beneficencia. ,, Homines

ad Deos nullâ re propius accedunt, quam salu-
tem hominibus dando ,, disse Cicero pro Ligario,
E no 1.^o de Oratore. ,, Nihil est tam regium, tam
liberale, tam que munificum, quam opem ferre tu-
plicitibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare
periculis homines. ,, Para as Almas bem organiza-
das o miseravel he hum objecto sacrosanto; e Ti-
to, aquelle que mereceu ser chamada ,, O amor
do genero humano ,, julgava perdido o dia, em que
não fizera algum beneficio. Quão mingado he o nu-
mero dos que com elle sentem! E quão crescido o
daquelle, que aos seus titulos devio bem de ajun-
tar aquillo em Horácio, Ep. 9.^a do L. 1.^o, Dissi-
mulator opis propria, mihi commodus uni. ,,

(7) De quem aquillo em Ovidio Metam. L. 15,
v. 748:

Resque domi gestæ, properataque gloria rerum
in sidus vertere novum.

(8) O sempre memoravel D. Nuno Alvares Pe-
reira, Condestavel do Reino, que com admiravel
resolução, e valor pugnou pela defensão da Patria
do tempo do Senhor D. João I. Pouco tempo ha-
via que se recolhera a hum Convento a fazer vida
Religiosa, quando avizado por ElRei de que o de
Tunes vinha pôr cerco a Ceuta, não duvidou sa-
hir a campo, e pegar em armas em ajuda do Prin-
cipe e da Nação; se bem que o inimigo desistiu
do intento. (Vê o Condestabre de Portugal, por
Lobo, in fin.

(9) Duarte Pacheco, que no Oriente obrata fa-
canhas quasi incruis.

(10) Affonso de Albuquerque, appellidado por seus
feitos o Grande (ardido, e fragueiro lhe chamou
Barros). Os Soberanos do Oriente honrarão sua
memoria, tomando por sua morte lucto publico.

(11) O briozo Leonidas, que com sóz quatro
mil Gregos investio com tal coragem, e abalrou
nas Thermopylas o exercito immenso de Xerxes,
o ii

que lhe matou vinte mil Persas; prepo porque lhe vendeo com a propria vida a victoria. A Patria lhe consagrou ali hum monumento, e todos os annos se lhe recitava hum elogio.

(12) E justamente, pois tão extraordinaria foi o numero dos combatentes, com que Xerxes invadio a Grecia, „ Ut non immerito (diz Justino L. 2.º, Cap. 10) proditum sit Græciam omnem six capere exercitum ejus potuisse. „ E Nepote: „ Quanta (copias) neque antea, neque postea habuit quisquam. „ Assim que a passar o Hellesponto (hoje Estreito de Gallipoli, ou braço de S. George) por huma ponte de barcas gastou o exercicio de pé sete dias, e sete noites successivos; e occasioens houverão, em que beberão as fontes, e os rios, o que foi depois celebrado por Juvenal, Satira 10, v. 176: „

Credimus altos
Defecisse amnes, epotaque flumina, Medo
Prædeente.

(13) Segundo aquillo de Floscul. Historia. Cap. 8 „ Aurum superbe repositibus (Gallis) ferrum objecit, ac certantes delevit penitus, nullo relicto qui Romam cepisset, Pater Patriæ, et alter Romulus merito dictus. „

(14) O Excellentissimo Marechal de Campo Francisco da Silveira Pinto, Conde de Amarante, que tanto se tem distinguido no serviço, e na defensão da Patria.

(15) O notoso insigne Viriato, que tendo por dez annos guerreado os Romanos, sempre victorioso, como de outra sorte não podesse ser morto; á falsa fé o matarão os seus, peitados por Servilio Cepião, successor de Fabio. „ Lusitanus Viriatus erexit (diz Floro Liv. 1.º, Cap. 17) Dux, atque Imperator; et si fortuna cessisset, Hispaniæ Romulus. „ E accrescenta que morrera de traizão. „ Ut videretur aliter vinci non potuisse. „

(16) Armas, ou Letras são as duas brilhantes

veredas, que conduzem á Inmortalidade. Elpino o tem na Ode 9.ª

„ A Virtude, que guarda o sancto Templo,

A entrada só recava

A quem, c'o alto exemplo

Da sublime Minerva,

Ou de Mavorre n'hurrida tãpanha,

De esplendente suor as faces banha. „

(17) O famoso Antonio Vieira, hum dos Genios mais vastos em conhecimentos assim Literarios, como Politicos, enviado Embaixador á Hollanda, e com negociacoes á Roma em tempo do Senhor Rei D. João IV.

(18) Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, homem extraordinario, e de profundo saber, que mereceo ser associado na embaixada á Franca ao Excellentissimo Marquez de Niza, que então lá era enviado com o caracter de Embaixador extraordinario por parte do mesmo Senhor Rei D. João IV.

(19) Luiz XIV de Franca, Homem de seculo, e sempre memoravel pelo apoio, que nelle encontrão os Sabios, e as sciencias: taes forão entre os Gregos Alexandre, e Augusto em Roma, nos quaes digão outros se deverã ser associada o grande Frederico, Rei da Prussia. Assim he que as Letras não desponão a lanca; e Pallas, esta Deozza, que preside aos successos das Armas, he a mesma que protege as Artes, e as Sciencias.

(20) Foi o Mecenas do seculo de Luiz IV. A instancias suas o Rei assignou gratificacoes aos Sabios da Franca, e mesmo a alguns estranhos. Foi o maior Ministro de Finanças, que teve a Franca, e o maior Patrono de homens de letras. Na Florença o forão igualmente os Medicis.

(21) Mr. Arnaud na sua obra „ Recreacoes do Homem sensivel, foi quem consagrou a memoria

deste, e outros Bemfazejos em Rouen. Veja-se a citada obra em linguagem, Tom. 1., a fol. 122. //

(22) O Infante D. Henrique foi não menos amador das sciencias, que das virtudes. Entre estas foi notavel a sua beneficencia; assim que tinha por diviza de suas armas esta letra: „ Vontade de bem fazer. „

(23) Rei Homem chamou Ferreira á ElRei D. João III pela humanidade de que era dotado.

(24) „ Nam genus, et proavos, et que non fecimus ipsi,

Vix ea nostra voco — disse Ovidio no L. 14. das Metam. v. 140. E o nosso Elpino na Ode 3.^a

Que o laurel das grandes Almas
Jámais se tece das avitas palmas. „

As desgraças da desconfiança, passagem do Perma de Imaginação por Dillile, traduzida verso a verso, por B. 1800.

VES aquelle infelis, que da Sicilia
O tirano convida a seu banquete!
Pallido, amiedrentado, reconhece
A perdida amizade ameaçadora;
Traidoras iguarias prova a inodo,
Temendo leva a taça aos raxos labies,
Ergue aos doirados tectos vista incerta,
E encara sobre si pendendo a espada?
Da vida no banquete ah! que a suspeita
Tal he, tal nos oprime; co! que digo!
O seu veneno sazeda o doce nectar,
Dá projecto ao acazo, corpo ás sombras,
E mesma contra si punhaes aguça;
Nos termos innocentes fel derrama,
E das proprias quimeras se horroriza.
Tacs nas florestas credulos humanos,
Deoses termião que formado havião.

Comunicar os males, que soffremos,
Bem como os gostos, repartir as dores,
Seo coração, no coração do Amigo,
Ir franco derramar; deo-nos Natura
Precisão mais urgente, e mais gostosa?
Tu só, tu não conheces, tu não gozas
Da doce confidencia o doce alívio.
De teu segredo em vão te oprime o pezo;
Ao peito, de que amigo ouzas manda-lo?
Amigo! e qual terás, se amar não podes?
Da côr do inferno, a suspeitosa mente,
Torna celestes, candidas delicias.
Seu mel a Abelha faz do mô veneno,
E puro objecto venenoso tornas;
N'Amizade antevéz traição, calumnia,
De suspeita em suspeita o zelo marcha,

Rompe tens laços inimigo genio.
 Tu Parentes não tens, tu não tens Patria,
 Vives só; corre, fuge, os homens deixa.
 Co'as rochas e co'as plantas, eis habita
 Nas solitarias, nas agrestes brenhas,
 Onde os Ceos interceptar á gosto possas
 Para sempre dos homens te separa,
 Vê-los não deves mais, nem mais ouvi-los,
 Para a negra suspieta apenas vives
 Aos vivos a saudade os mortos liga,
 Entre elles, e entre nós, existe hum laço,
 E os homens odiando rompes todos.

O tímido menino, o debil velho,
 O Hospede, o Parente, o Amigo, tudo,
 Tudo de susto de terror o assombra.
 Que mortal jámais houve assaz mesquinho,
 A que dado não foi na hora extrema,
 D'Amizade nos braços reclinado,
 Exhalar seu suspiro derradeiro?
 Que lagrimas não vio banhar as faces,
 D'um irmão, d'uma Esposa, Amigo, ou Filho?
 Infeliz! . . . espirando apenas soffre,
 Que piedosa mão lhe cerre os olhos!
 Outros não vê, não tem, que antes procurem
 E que á tumba descer saudozo o animem.
 O extremo adeus sómente o sol recebe! . . .
 Só tens na morte azilo? oh desgraçado!
 Da tumba, ao menos, ai! na paz descança.
 Vós que saboreastes seus escritos,
 E vós que lhe deveis liçoens e lagrimas,
 Do doce pranto, das liçoens em pago,
 Sensiveis peitos, vinde, eu vo-lo entrego.

A' SAUDADE

Cançoneta, por B.***

VEM cá minha companheira,
 Vem triste, e minozza fior,
 Se tens da saudade o nome,
 Da saudade eu tenho a dôr.

Accita este frio beijo,
 Beijo da melancolia,
 Tem d'amor toda a doçura,
 Mas não o ardor d'alegria.

Onde te pegou Marilia?
 Dize, onde hum beijo te deu?
 Mostra o lugar, n'elle quero
 Tambem dar-te hum beijo meu.

Se Marilia quer que pintes
 O que ella sente por mim,
 Porque murchas? não me lembraes
 Que amor tambem passa assim.

Marilia em tudo te iguala,
 Linda, delicada fior;
 Mas infeliz, se em seu peito,
 Quanto duras, dura amor!

Tu venturoza cuidavas,
 Quando ella te colheo,
 Que morreras em seu seio,
 Qual morri outr'ora eu.

Longe d'haste onde Favonio
 Hia com tigo brincar,
 Em vêz d'orvalho, te sentes
 Só de lagrimas banhar.

Flôr Infeliz! . . . porém eu
Quanto mais infeliz sou! . . .
Marília nada te disse,
Quando ella a mim te mandou?

Ah! se tu saber podesses
Quanto amor, quanta ternura!
Se souberras as delicias,
Julgaras da desventura.

Mas que digo? não me creias,
Não me vás atraioçar,
Saudade, he crime d'amor
Seus mysterios divulgar.

Obra publicada nesta Corte.

Resumo de hum quadro synoptico civil, mediante o qual poderemos conhecer, e avaliar os humes, e as nações com acerto e facilidade. Por esse

Quando lemos este apparatus, quanto nos parece ouvir hum alchymista inculcando a descoberta da pedra filosofal. Tão importante era a solução deste problema! Muito mais quando este Lavatel tinha recopilado em humta pagina todos os differentes caracteres dos homens. Não he nossa tenção analysar huma obra de tal natureza, hum golpe de vista do Leitor descobre logo tudo quanto ella he. Huma taboa de duas entradas constitue toda a obra; na columna vertical se marção as classes, Nobre, Plebeo, Rico, Pobre, Cazado, Solteiro, Magistrado, Corteção, Potentado, Gente de pena e fazenda, Ecclesiastico, Soldado, Lavrador, assalariado ou jornalico, ignorante, sabio; na segunda Christão, hypocrita, desabuzado, ignorante. Antes de passar adiante, já se vê que ha ignorante ignorante, e sabio ignorante. O Author se desembaraça gentilmente deste passo. O Author as suas palavras *Sabio ignorante*. „ Parece contraditorio, mas chamando assim ao charlatão que se julga sabio, &c. „ Esta explicação he singular, e inteiramente arbitaria. Seria preciso combina-la com as idéas de sabio e de ignorante, não digo já adoptadas por todos, mas ainda postas no mesmo Quadro Synoptico. Que diremos do *ignorante ignorante*? „ Entende-mos denominado assim o homem mais estolidio; e então pôde apenas ser, ou hum animal fagueiro, que vai a quem quer que o chama, ou hum tigre que tudo arrebatá e despedaça. „ Não sei se admire mais ainda a definição do que o *ignorante ignorante*.

O A. contrapondo Christão a Hypocrita, parece dar ao primeiro o sentido de religioso em geral, o que igualmente se conclue de todas as suas definições. Mas se esta palavra tem aqui hum sentido mais extenso, outra ha na mesma Obra, (e que faz della huma parte essencial) que tem huma acceção contraria da que geralmente se lhe tem dado. Fallo da palavra desabusado, a que o A. annexa as idéas mais horrorosas. Debaixo do titulo *Ignorante desabusado* achamos o seguinte: o *Ignorante irreligioso ou atheu*, he hum malvado da primeira ordem, &c. D'aqui parece que se conclue, que desabusado quer dizer irreligioso ou atheu. E com effeito todas as extravagantes qualidades, que se achão debaixo deste titulo comprovão esta conclusão. Por exemplo: no artigo *Sabio desabusado* diz elle, „ não merece chamar-se sabio, mas, por saber mais do que o vulgo e ser *immoral* faz-se tão temivel e *excravel*, quão digno de amor e respeito he o sabio religioso. „ Eis-aqui outra vez desabusado opposto a religioso, e nada menos do que immoral. Ora os dictionarios de todas as linguas (ao menos das que conhecemos) dão a este termo o significado de livre de abusos, de erros, de falsas crenças. D'aqui se seguiria evidentemente que o religioso (que segundo o pensamento do A. he opposto a desabusado) he o homem cheio de abusos, de erros, de falsa crença, &c. Que blasfemi! Mas ella se conclue litteralmente das palavras do A.

Nada mais diremos desta Obra, para que a nossa Censura não seja maior que a mesma Obra.

Continuação do Estado da atmosphera.

Março.

Dia.	Ther.	Bar.			Temp.
		Grat.	Pol.	Vint. Mil.	
1	90	29	13	28	chuva claro
2	87		12	28	
3	88		12	4	
4	88		12	20	
5	87½		12	40	
6	89		13	18	
7	89		13		
8	88		12		
9	89		13	32	
10	88		12	14	
11	86		13	12	
12	85½		12	24	
13	87		13	20	
14	86½		13	18	
15	87½		14	20	
16	85½		13	30	
17	87½		13	20	
18	86½		13	12	
19	87½		13	18	
20	84½		12	40	
21	84½		12	20	
22	86		12	40	
23	86½		12	30	
24	84		13	4	
25	83½		12	20	
26	83½		12	44	
27	82½		12	20	
28	86½		12	18	
29	86		14	20	
30	79		14	22	
31	74		14	16	

Dia.	Ther.	Bar.			Temp.
		Gras.	Pol.	Vint. Mil.	
1	70½	29	14	12	
2	68		16	22	
3	70½		16	16	
4	76		16	12	
5	76		16	22	
6	74		16	36	
7	74½		16	40	
8	79		16	20	
9	76		16	12	
10	76		16	40	
11	75		16	44	
12	68		16	26	chuvozo
13	69		17	36	
14	64		16	36	claro
15	69		15	20	
16	71½		16	26	
17	73		16	22	
18	74		14	30	
19	74½		13	22	
20	76		12	28	
21	77		12	10	
22	77½		10	36	
23	73½		11	20	pezado e chuvozo
24	76		15	8	
25	74		12	14	
26	74		12	20	
27	73½		13	16	
28	73		15	32	claro
29	77		13	34	
30	77		12	20	

TOPOGRAFIA.

Discurso sobre a urgente necessidade de huma
Povoação na cachoeira do Salto do Rio Ma-
zeira, para facilitar o utilissimo e indispensa-
vel commercio, que pela carestia do Pará
deve fomentar para Mato Grosso, de que re-
sulta a prosperidade de ambas as Capitaniaes.
Autor Ricardo Franco de Almeida Serra,
Sargento Mór Engenheiro. pag. 3

GEOGRAFIA.

Continuação da Memoria sobre a Capitania de
Seará, continuada do N.º 1.º pag. 46. 17

HISTORIA.

Extracto da Historia da Capitania de Goyaz,
ordenada pelo Cirurgião Mór José Manuel
Antunes da Frota. 25

POLITICA.

Papel que se offerreo ao Serenissimo Rey o Se-
nhor D. João IV, em que se mostra ser
conveniente para o augmento do Reino con-
servar-se nelle a Gente da Nação. Pelo Pa-
tre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus.
Advertencia. 35

Aclamação de Luiz XVIII em França. 57
O Maire de Bordeaux a seus Concidadãos. 60
O Duque de Angouleme ao Exército Francês. 63
Fallu do Maire de Bordeaux dirigida ao Ma-
rchal Bressford no dia 12 de Março de 1813
ao meio dia. 64

<i>Falla que o mesmo Mairé fez a Sua Alteza Real o Duque de Anguleme.</i>	65
<i>Falla do Arcebispo de Bordeaux ao Duque de Anguleme.</i>	66
<i>Proclamação aos Governadores, Generaes, Comandantes, Officiaes, Soldados, e habitantes de Cambrai.</i>	66
<i>Proclamação da parte do Rei.</i>	68
<i>Instrucções.</i>	70
<i>Tratado de Paz concluido entre a Russia e a Persia.</i>	76
<i>Tratado de paz entre Sua Magestade ElRei da Suecia e Sua Magestade ElRei da Dinamarca</i>	77
<i>Principes da Casa de Bourbon.</i>	84
<i>Nova Constituição Franceza.</i>	90

LITTERATURA.

<i>Ode aos Benemeritos da Patria em Monumento. Por A. da R. F. Em Villa Rica.</i>	99
<i>As desgras da desconfiança, passagem do Poema da Imaginação por Dállile, traduzida verso a verso, por B.**</i>	111
<i>A candade, Cançoneta, por B.**</i>	113
<i>Obras publicadas nesta Corte.</i>	115

Continuação do Estado da Atmosfera. 117

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fica contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*
Ferreira.

TERCEIRA SUBSCRIÇÃO.

N. 3.º

MAIO E JUNHO.

Reservado para o Secção

Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1814.

Com Licença de S. A. R.

A subscrição se faz na Loja da Gazeta, ou na de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, a 60000 reis pelos seis numeras. Nas mermas se vendem avulsos a 12000 reis.